

RUGBY

REVISTA



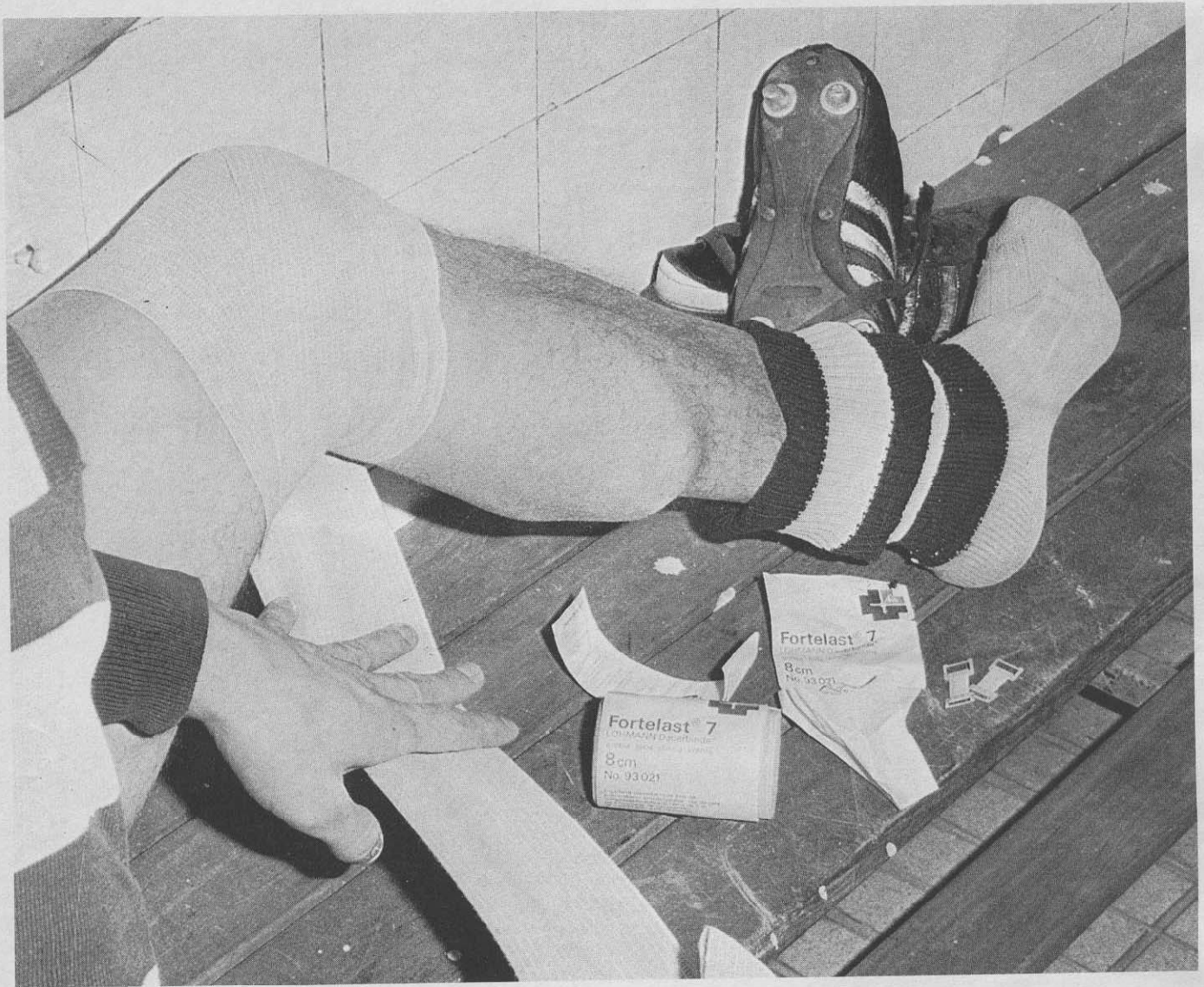
**Cinco Nações:
Irlanda venceu
o torneio de 82**

**FIRA:
Marrocos
e Espanha
no arranque**

**Juniores
e Juvenis
em
Inglaterra**

Cdul é campeão nacional

Fortelast[®] 7



A LIGADURA ELÁSTICA

Leve

Resistente

Recuperável



JABA - J. A. Baptista d'Almeida, Lda.

À VENDA NAS FARMÁCIAS

formas de promover o desporto

Já todos estávamos preparados para que isto sucedesse. Mas, no íntimo, sempre se pensou que o Governo não teria «coragem» de manter as dotações às federações desportivas em nível idêntico às de 1981. Afinal, teve-a e, no que ao rugby diz respeito, os 3200 contos de há um ano voltaram, agora, a ser atribuídos.

Esta atitude, filiada segundo os responsáveis governativos na crise económica que o país atravessa («chavão» sempre «de serviço») demonstra, em primeira análise, o já conhecido desinteresse governamental pelo desporto, de ano para ano cada vez mais maltratado, a todos os níveis.

Como se não houvesse inflação, como se tudo não subisse mês a mês, o Governo atribuiu ao desporto federado quase menos 90 mil contos do que lhe havia globalmente sido solicitado. Como forma de incentivo, de promoção da prática desportiva, não está mal. Só a título de comparação, pode adiantar-se que a Federação Espanhola de Rugby recebeu para o corrente ano qualquer coisa como cerca de 50 mil contos. E depois as pessoas espantam-se do nível atingido pelo desporto aqui mesmo ao lado da nossa porta...

Refira-se que, para já, os ridículos 3200 contos — que serão criteriosamente e retardadamente distribuídos por duodécimos — não chegam sequer para a actividade normal programada pela FPR para 82. Vai ser, de facto, precisa muita imaginação para «esticar» aquela verba...

Mas, como se não bastasse a atribuição de uma quantia manifestamente insuficiente, o secretário de Estado dos Desportos, na mesma ocasião, anunciou também alterações no esquema dos Planos de Desenvolvimento.

Já se adivinhava que algo se iria passar nesse domínio — a suspensão das actividades em Janeiro foi indicador de que algo se preparava. De facto, em nome da regionalização, foi decidido passar a responsabilidade ou, melhor, a gerência dos PD para as delegações distritais. Os delegados da DGD administrarão os Planos e estabelecerão, de acordo com os critérios locais, as prioridades.

Adivinha-se facilmente, no que toca ao rugby, o que sucederá — há já indicações seguras de que as coisas não correm bem nalguns locais. Com efeito, pouco «protegida», a modalidade será obviamente preterida em favor de outras mais «populares» e ao gosto dos técnicos locais.

A situação encontra-se ainda, em Março, bastante indefinida. Faltam directrizes para execução do esquema anunciado e portanto, por enquanto, só é possível «adivinhar». Acresce ainda que os responsáveis não são muito claros nas suas afirmações, nem foram ainda tornados públicos os pormenores regulamentadores desta medida.

No entanto, e se se confirmar aquilo que se suspeita venha a suceder, talvez a FPR, contravontade, ainda tenha de assumir o PD da modalidade, para salvaguardar os interesses do rugby.



O CDUL é o novo campeão nacional da I Divisão e a foto, (excelente) de António Santos, que publicamos na capa, parece querer significar que foi o «universitário» de Lisboa quem mais alto chegou

sumário

O «Nacional» da I Divisão O CDUL é campeão	5
Juniores iniciaram Fase Final Campeonato só acaba em Abril	9
II Divisão S. Miguel de fora nos quartos de final	10
CDUP está em crise António Catarino avança algumas razões	11
Entrevista com presidente da FPR Federação procura patrocínios	12
Campeonato da FIRA Marrocos e Espanha são arranque difícil	15
Juniores no Torneio de Preston Uma competição diferente do habitual	25
Juvenis em Twickenham Marcar volta a ser objectivo	29
Os Flanqueadores C. James escreve sobre a optimização dos Flankers	33
Arbitragem Luís Feist fala da indisciplina	34
Cinco Nações A Irlanda já ganhou — falta o «Grand Slam»	35
As secções habituais Ressaltos — Por cá / Lá fora	20
Federação	23
De pequenino	38

ficha

Director: João Fragoso Mendes. **Consultores Técnicos:** Pedro Sousa Ribeiro (Londres) e Vasco Pinto de Magalhães — Cabral Fernandes (Coimbra). **Fotografia:** António Santos, José Maurício e João Queiró (Coimbra), Foto-Rugby. **Direcção Administrativa:** João Manuel de Oliveira. **Propriedade:** J. F. Mendes. **Redacção e Administração:** Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.º

1000 LISBOA. **Composição:** TEXTYPE - Artes Gráficas, Lda. - Travessa Água-da-Flor, 30 - 1200 Lisboa. **Fotolito e Montagem:** Maxigráfica — Artes Gráficas, Lda. - Calçada da Estação, 2 - 1.º (Campolide) - Lisboa. **Impressão:** GRAFI 3 - Fotolito e Artes Gráficas, Lda. - Av.ª Meld Falcão, 30 C - 1675 Pontinha. **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição mensal.

Superioridade do Cdul justifica o título

J. FRAGOSO MENDES

O CDUL, como se previa, conquistou o título nacional (o seu 12.º) terminando o campeonato com uma folgada vantagem sobre o segundo classificado, a Académica.

A sua superioridade foi notória ao longo da prova — proximamente debruçar-nos-emos sobre este «nacional» com mais pormenor — chegando ao primeiro lugar na final com toda a naturalidade.

De uma forma geral, esta 24.ª edição do Campeonato Nacional da I Divisão, em termos de jogo jogado, andou pelo nível dos últimos anos. Quer isto dizer que o rugby não foi brilhante. Mesmo assim, alguns factores podem considerar-se positivos, indicadores de melhoria, sobretudo no que diz respeito a disposições táticas e, muito principalmente, a um certo apuro defensivo. Este pormenor «roubou», logicamente, à capacidade de ataque das várias equipas muito daquilo que em princípio delas se esperaria. Pode considerar-se como um bom indício: para já, refinou-se a defesa; daqui para a frente, treinadores e jogadores terão de trabalhar no sentido de apurar o ataque, de forma a

contrariar os sistemas táticos e maneiras de defender dos adversários: Um passo portanto que se pode considerar importante.

Este «nacional» foi marcado, por outro lado, por demasiados problemas de ordem disciplinar que, no final, vieram «mexer» de forma significativa na classificação. Adiante, quando se falar da arbitragem, se aflorará este (grave) problema. Queremos, no entanto, salientar que os variadíssimos problemas de ordem disciplinar surgidos ao longo da competição aconteceram, fundamentalmente, devido a um espírito competitivo exarcebado por parte de alguns jogadores, e a um certo ambiente criado em redor do terreno de jogo (sobretudo em Coimbra e no Porto) que poderá ter a curto prazo consequências imprevisíveis.

Para já, nesta curta apreciação, pode dizer-se que as surpresas da parte final da prova residiram no Direito e, principalmente, no Belenenses. De facto, os «advogados» acabaram o «nacional» num quarto lugar que nem eles esperariam. Por outro lado, os «azuis» tiveram um final algo «ajudado» que lhes permitiu fugir ao incómodo penúltimo lugar.



Na realidade, foram eles quem mais ganhou com as faltas de comparência, determinadas pela FPR, aplicadas ao CDUP — precisamente no jogo entre ambos — «ganhando» aí um ponto e «conquistando», depois, mais um à Agronomia e três ao Técnico, devido à punição fede-



António Santos

Esta, uma das formações que proporcionaram ao CDUL o seu 12º título, em 24 edições do Campeonato Nacional

nacional • nacional • nacional • na

rativa aplicada a essas duas equipas. Assim, de condenado à «liguilla», subiu espectacularmente ao quinto lugar, ainda mercê do excelente empate conseguido, no último dia de prova, contra os novos campeões.

Académica e Benfica, por seu turno, confirmaram plenamente as suas posições — referência especial para a subida dos «encarnados», subida essa gradual e que se foi registando ao longo da competição.

Resultados

12.ª JORNADA

CDUP, 0 - Belenenses, 0 a)
Técnico, 8 - Agronomia, 0 b)
CDUL, 10 - Benfica, 0
Direito, 7 - Académica, 9

13.ª JORNADA

Direito, 28 - CDUP, 4
Belenenses, 7 - Técnico, 16
Agronomia, 3 - CDUL, 24
Académica, 10 - Benfica, 8

14.ª JORNADA

CDUP, 12 - Académica, 3
Técnico, 0 - Direito, 21
CDUL, 16 - Belenenses, 16
Benfica, 30 - Agronomia, 9

JOGOS ATRASADOS

Técnico, 12 - Belen., 7 (6.ª jorn.)
Direito, 3 - CDUL, 4 (8.ª jorn.)

- a) FPR puniu o CDUP com falta de comparência.
b) FPR puniu as duas equipas com falta de comparência.

Classificação final

	J	V	E	D	M-S	P
CDUL	14	11	2	1	218-108	38
Académ.	14	8	2	4	164-125	32
Benfica	14	7	2	5	154-94	30
Direito	14	6	2	6	147-100	28
Belen.	14	5	1	8	114-187	25
Téc. a)	14	5	1	8	119-160	24
Agron. a)	14	5	—	9	111-161	23
CDUP b)	14	2	2	10	70-182	18

- a) Tem uma falta de comparência (disciplinar).
b) Tem duas faltas de comparência (uma disciplinar).

O Técnico «caiu» do primeiro lugar para o sexto. Campeão na temporada passada, realizou uma prova verdadeiramente desastrosa — uma «sombra» do Técnico com força, determinado e inteligente dentro do campo, que conquistou em 80-81, de forma justa e brilhante, o título. Agronomia, por seu turno, a equipa mais «prejudicada» pelos castigos federativos, viu-se lançada para o sétimo posto. Muito irregular (o seu jogo depende de mais cinco ou seis jogadores, sem substitutos à altura) de partida para partida, rubricou um final de prova decepcionante.

O CDUP, constitui, finalmente, um «caso». Tal como o Técnico caiu de uma posição de rejevo (terceiro lugar) para o último posto. Consequências do isolamento? Saturação? Poucas condições para a prática do jogo? Na resposta a estas questões deverá estar a resolução do problema.

ARBITRAGENS INFLUÍRAM NO CAMPEONATO

Ainda em relação ao «nacional» da I Divisão, há pouco terminado, nesta primeira, e muito abreviada abordagem, não queríamos deixar de focar um problema que se nos afigura momentoso.

Trata-se da arbitragem. Pensamos que, contrariamente ao nível do jogo — que, como já referimos terá subido um pouco, ou pelo menos se manteve estacionário — a arbitragem desceu. É certo que se torna extremamente «impopular», no momento em que se luta para a dignificação da

função do árbitro e para que novos candidatos apareçam, proferir uma afirmação deste tipo. Mas, o que é verdade é que, de facto, o nível baixou. Os «paninhos quentes», as meias verdades, o encobrir uma situação que apresenta tendência a agravar-se, não ajudará, mesmo, os próprios árbitros.

Nunca, com efeito, nos últimos anos, se assistiu a um campeonato tão «influenciado» pelas arbitragens. Do aspecto disciplinar aos erros técnicos graves de tudo se assistiu um pouco.

Salvo uma ou duas honrosas exceções, os árbitros portugueses estão convencidos que são o centro do jogo. Que têm de o comandar. O que é um erro, e dos graves. Eles fazem parte do jogo e até nem são a sua «peça» mais importante: sem árbitro, ainda que mal, joga-se; sem jogadores é que não — seria bom que alguns juizes (até dos que se apresentam com bastantes possibilidades futuras) pensassem no assunto.

Daqui resultou que (algumas) demasiado «personalizadas» arbitragens tenham tido um papel importante no desfecho de alguns jogos. Isto para não falar em atitudes (dentro e fora de campo) pouco dignificantes para a função.

Repetimo-lo, as arbitragens «pesaram», de uma maneira a que no futuro urge pôr termo. Vimos alguns jogos em que uma equipa, de situação de pressão sobre a área contrária passou a ser pressionada, devido a decisões incorrectas do árbitro; assistimos a arbitragens tão «personalizadas» que comandaram o jogo e a marcha



António Santos



António Santos

O Benfica — na foto, frente ao CDUL — e o Técnico — na imagem, contra Agronomia — conseguiram campeonatos diferentes. Os «engenheiros» caíram do 1.º para o 6.º lugar, e os «encarnados» subiram do 7.º ao 3.º

nacional • nacional • nacional • na



Foto-Rugby

O Belenenses «salvou-se» da «liguilla» mesmo no final da prova.

Na última jornada os «azuis» impuseram um empate ao CDUL (jogo a que se refere a foto).

Agronomia, por seu turno viu-se, inesperadamente, no 7.º lugar

e o jogo com o Técnico (foto do meio) — os incidentes ocorridos — contribuíram para tal. O

Direito (a foto de baixo refere-se ao jogo com o CDUP)

acabou a prova num surpreendente 4.º lugar

do marcador; vimos expulsões do terreno que posteriormente não foram mencionadas nos relatórios (e os árbitros deverão ter sempre presente que no desempate entre duas equipas igualadas na classificação se começa pelas punições disciplinares); vimos actos de indisciplina passarem perfeitamente em claro; vimos agressões gravíssimas não serem punidas; assistimos a actuações, de critérios diferentes para uma e outra equipa em presença e do mesmo árbitro de jogo para jogo; vimos ignorância das Leis do Jogo; etc., etc.

E, crêmo-lo, se a indisciplina, esta época subiu assustadoramente em grande parte devido ao comportamento dos jogadores, os juizes de campo também tiveram grande responsabilidade nisso. Sabemos das dificuldades com que se debate a CNAR, dos problemas de recrutamento e de formação que aquele organismo tem neste momento, mas, de forma alguma, se pode deixar passar em claro este problema.

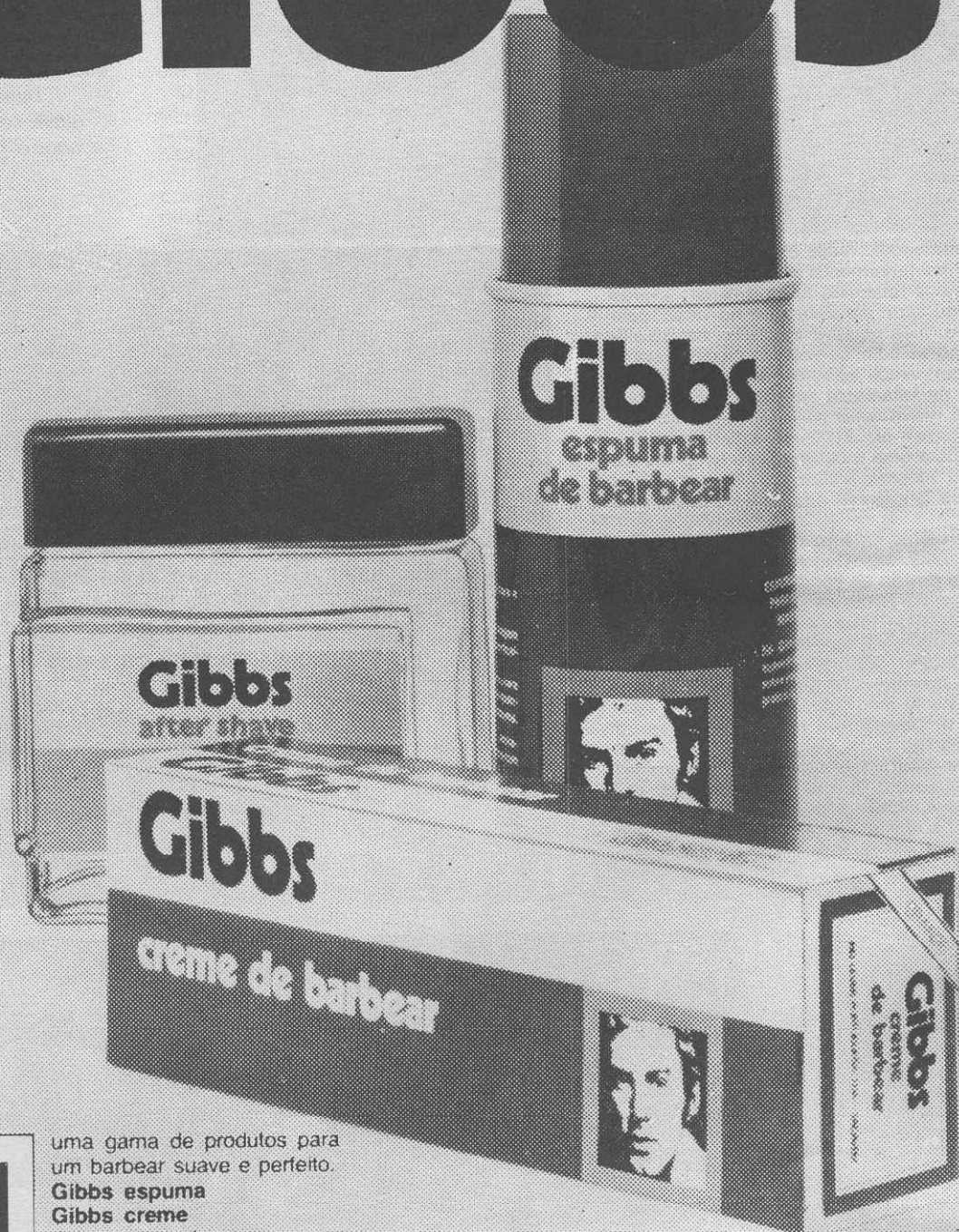
Pensamos que urge reciclar os árbitros portugueses. Que há que uniformizar critérios e, apesar de serem poucos, fazer sentir aqueles que já provaram não terem um mínimo de sensibilidade para função que é tempo de experimentarem outra qualquer modalidade menos exigente. ●

António Santos



António Santos

Gibbs



uma gama de produtos para
um barbear suave e perfeito.

Gibbs espuma

Gibbs creme

Gibbs after-shave

e também Gibbs na

variedade **frescura marinha**

... uma onda de frescura!

só para homens

Fase final dos juniores já se iniciou

CDUL, Belenenses e Cascais, no Grupo A, e S. Miguel, Direito e Lousã, no B, qualificaram-se para a disputa da fase final do Campeonato Nacional de Juniores, que decidirá a questão do título.

Esta fase derradeira da prova, que se disputa em «poule» a uma volta, decorrerá em dois períodos. Um até à partida da selecção nacional da categoria para Inglaterra (três jornadas) e outro, depois, no regresso, nos fins de semana de 17-18 e 24-25 de Abril (as restantes duas rondas), segundo foi acordado pelos clubes e FPR, em reunião realizada para o efeito.

A fase nacional da competição, há pouco terminada, apurou (com uma excepção) as equipas que se previa o conseguissem. No Grupo A, CDUL, Belenenses e Cascais, principalmente os dois primeiros, apresentaram-se como os principais candidatos e confirmaram esse favoritismo. O Cascais, terceiro apurado da série, se bem que claramente superior aos outros concorrentes, revelou-se abaixo dos dois primeiros, com quem aliás registou as suas duas únicas derrotas.



António Sarmos

Tal como se previa, o CDUL e o Belenenses (na foto) tal como o Direito conseguiram o apuramento. O S. Miguel foi a surpresa da última parte da Fase Nacional. Cascais e Lousã foram os outros apurados

A SURPRESA S. MIGUEL

No outro grupo, entretanto, as duas últimas jornadas e mais a disputa de um jogo em atraso proporcionaram a espectacular

subida do S. Miguel do sexto para o primeiro lugar. Três triunfos, na Lousã, com

o Técnico e com o Direito permitiram-lhe somar nove pontos, que o catapultaram para a posição cimeira.

Direito, por seu turno, talvez demasiado confiante — o apuramento estava garantido — «conseguiu» em três jogos perder dois, frente ao Técnico e com o S. Miguel, em partida atrasada.

O Lousã, o terceiro qualificado do grupo, finalmente, garantiu a passagem após o triunfo no último dia, em Elvas, frente ao Santa Luzia. Igualado pontualmente com o Técnico, ganhou devido ao desempate pelo número de pontos, consequência das expulsões.

Resultados

Grupo A

6.ª JORNADA

Belenenses, 10 - Agronomia, 0
CDUP, 40 - Cangurus, 7
CDUL, 29 - Cascais, 7

7.ª JORNADA

Agronomia, 37 - Cangurus, 0
CDUP, 7 - CDUL, 21
Cascais, 21 - Académica, 0

Grupo B

6.ª JORNADA

Técnico, 3 - Direito, 0
St.ª Luzia, V - CDUE, FC
Lousã, 8 - S. Miguel, 16

7.ª JORNADA

Benfica, 52 - CDUE, 0
Técnico, 4 - S. Miguel, 6
St.ª Luzia, 12 - Lousã, 13

Jogo atrasado (2.ª jorn.)

Direito, 16 - S. Miguel, 20

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	P		J	V	E	D	P
CDUL	6	5	1	—	17	S. Miguel	6	4	1	1	15
Belenenses	6	5	1	—	17	Direito	6	4	—	2	14
Cascais	6	4	—	2	14	Lousã	6	3	1	2	13
Agronomia	6	2	1	3	11	Técnico	6	3	1	2	13
Académica	6	2	—	4	10	St.ª Luzia a)	6	3	1	2	12
CDUP	6	1	1	4	9	Benfica	6	1	2	3	10
Cangurus	6	—	—	6	6	CDUE a)	6	—	—	6	5

a) Tem uma falta de comparência.

OS FAVORITOS

Teecer prognósticos para a fase final, agora em curso, torna-se problemático, devido à incerteza destas equipas ainda não suficientemente maduras.

No entanto, em relação ao que aqui se escreveu há um mês (CDUL, Belenenses e Direito são os mais favoritos) há que acrescentar o inesperado nome do S. Miguel. O seu final de prova, na fase nacional, justifica-o plenamente.

Deste grupo deverá sair o campeão. Cascais e Lousã, embora possam vir a desempenhar papel importante, principalmente quando jogarem em «casa», no final, não deverão chegar aos dois primeiros lugares.



José Maurício

A eliminação do S. Miguel pelo Estrela da Amadora pode considerar-se como inesperada. A foto diz respeito ao jogo entre ambos, da segunda «mão» dos quartos de final

Afastamento do S. Miguel: a surpresa na II Divisão

O afastamento do S. Miguel, nos quartos de final, pode considerar-se como a surpresa maior até ao momento registada na disputa da fase final do «Nacional» da II Divisão. Apontado como um dos potenciais favoritos, o «quinze» do S. Miguel foi eliminado pelo Estrela da Amadora, de forma imprevista.

Após ter empatado no primeiro jogo, no terreno do adversário, foi batido no «Universitário», tangencialmente e nos últimos momentos do jogo. Uma saída inglória e que talvez tenha sido motivada por excesso de confiança.

Os restantes apurados, para lá do Es-

trela, que estão a disputar as meias finais — na data de publicação deste número da «R-R» (20 de Março) — são o Cascais, detentor do título, o Lousã e o Benfica B.

A final desta prova terá lugar no dia 28 de Março, muito provavelmente (se se disputar em Lisboa) a anteceder o Portugal - Espanha.

Registe-se que, tendo em vista o atraso verificado neste torneio, a Taça de Portugal, que segundo o calendário da FPR já deveria ter começado no fim de semana de 6 e 7 de Março, só terá início no dia 17 de Abril.

As equipas da I Divisão, assim forçadas

Resultados (Fase final)

Técnico B, 8 - Lousã, 0
 LOUSÃ, 24 - Técnico, 0
 DIREITO B, 9 - CDUE, 4
 CDUE, 3 - Direito B, 13
 Académica B, 0 - E. Amadora, 9
 E. AMADORA, 37 - Académica B, 0
 S. MIGUEL, 21 - Económicas, 8
 Económicas, 3 - S. Miguel, 26
 Moitense, 12 - Benfica B, 13
 BENFICA B, 8 - Moitense, 8
 St.ª Luzia, FC - Barreiro, V
 BARREIRO, V - St.ª Luzia, FC
 CASCAIS, 23 - Belenenses B, 0
 Belenenses BFC - Cascais
 BELAS, V - RC Coimbra, FC
 RC COIMBRA, FC - Belas, V
 LOUSÃ, 10 - Direito B, 3
 Direito B, 9 - Lousã, 12
 E. AMADORA, 14 - S. Miguel, 14
 S. Miguel, 20 - E. Amadora, 21
 BENFICA B, 34 - Barreiro, 6
 Barreiro, 11 - Benfica B, 9
 CASCAIS, 47 - Belas, 0
 Belas, 3 - Cascais, 26

a uma longa paragem, e as entretanto eliminadas no escalão secundário, iniciam a 20 de Março a disputa da Taça Olímpica, competição que se prolongará até àquela data, e para a qual o Comité Olímpico Português ofereceu um troféu. ●



O campeão

JOHN McENROE
 joga com a nova raquete

DUNLOP - McENROE

já à venda em Portugal

Spril

AGENTES EXCLUSIVOS
 EM PORTUGAL

RUA DO CARMO, 21 • TELEFONES: 32 46 43
 1200 LISBOA

CDUP: As razões de uma crise

ANTÓNIO CATARINO

Mais uma edição da prova maior do nosso calendário de provas chegou ao fim. Como normalmente acontece, o comportamento das equipas intervenientes pautou-se por diversos parâmetros, que variaram entre a revelação e a desilusão. Neste último caso parece estar o CDUP, equipa que na temporada transacta subira para a «ribalta» da cena nacional, de modo quase meteórico.

E a pergunta, pertinente, surge: porquê o último lugar esta temporada? Por isso mesmo iremos procurar escarpelizar as causas de-tão desapontante presença, florida só a espaços, por um ou outro resultado interessante.

Para além do mais, importa salientar a falta de condições materiais com que se têm debatido, até agora, os «universitários» nortenhos. Exemplo flagrante é o facto de ainda não terem recebido um centavo sequer de «subsídio de refeição», que, embora fosse de montante quase insignificante, sempre ajudava um pouco, sabido de antemão a carestia que qualquer ementa que se preze ostenta... Como se isto não bastasse, algumas das deslocações a Lisboa foram integralmente suportadas pelos atletas (e quer a gasolina, quer os alojamentos não estão no rol das coisas mais baratas).

É evidente que, numa equipa onde a média de idades ronda os 20 e poucos anos, tudo isto acaba por ter os seus reflexos. Primeiro, porque hoje em dia certa dose de materialismo se sobrepõe ao «espírito», como pressuposto para um amadorismo que não pode trazer prejuízos à bolsa de quem vive de curtas mesadas, já que grossa fatia dos rugbistas do CDUP ainda frequenta os estabelecimentos universitários.

Segundo, porque aconteceram um sem número de situações verdadeiramente confrangedoras, que foram desde a falta de água no Estádio Universitário (ao que soubemos por falta de pagamento da mesma!) à necessidade de se efectuar uma deslocação à capital com partida às quatro e meia da madrugada, em autocarro, por não haver qualquer possibilidade de alojamento! E o dinheiro para o gasóleo foi obtido através de uma festa organizada de um momento para o outro!

ALTERNATIVAS

Se, por um lado, o que atrás foi enunciado poderá ter contribuído para um comportamento que espantou muita gente, por outro, a assiduidade aos treinos não aconteceu como na época transacta. Saturação? Motivação escassa? Desencanto pelo facto de os resultados não terem aparecido quando o «quinze» foi merecedor de melhor sorte? É evidente que estas interrogações não passam de meras

conjecturas de índola subjectiva, tendentes a explicar algo que a nós próprios espantou. Os períodos de crise surgem, inelutavelmente, como consequência dos momentos bons, dos êxitos. Até que ponto os graves problemas disciplinares este ano acontecidos no Porto (e não só) serão consequência de um desespero catalizado por uma situação classificativa nada condizente com o valor autoproclamado da equipa?

Torna-se, portanto, necessário encontrar medidas de fundo para que este «statu quo» seja ultrapassado. Porque a crise da secção de rugby do CDUP não é mais do que o reflexo do descalabro de uma estrutura moribunda, perfeitamente anquilosada, do pretense desporto universitário (variante federada) que só tem sobrevivido à custa dos esforços (inglórios e anónimos) de uma massa imensa de praticantes.

A amplitude da crise surge, dada a posição (I Divisão nacional) do rugby do CDUP, em que os reflexos se tornam mais evidentes. E quanto ao resto... Bom o melhor será ficarmos por aqui.

Como alternativa a este desolador pa-

norama restará a regionalização. Procurar criar o maior número possível de equipas na Zona Norte que propicie às mesmas um razoável ritmo de competição, de molde a poderem, posteriormente, disputar uma fase de características nacionais, onde seriam encontrados os respectivos vencedores.

Tudo isto porque, se as equipas de Lisboa apenas se deslocam, no pior dos casos, duas vezes ao norte, concretamente ao Porto, o CDUP viaja, invariavelmente, todos os quinze dias, o que sendo saturante (são os fins de semana positivamente anulados) não deixa de ser oneroso.

Outra das soluções poderia passar por um intercâmbio, a nível individual, em termos de alojamento. Cada adversário receberia o seu parceiro, retribuindo-lhe este na situação inversa. Enfim, um rio de problemas que desagua, invariavelmente, no autêntico mar da carência de estruturas do desporto que (não) temos.

Rugby, uma modalidade 110 % amadora. Mas que, se praticada no Porto, poderá ver aumentada a percentagem. Quem o duvida?



As constantes deslocações a que o CDUP é obrigado — a imagem refere-se ao encontro com o Direito, o último efectuado pela equipa — poderão ter ajudado à actual crise

Federação «procura» patrocinador para o rugby português

A exemplo do que sucede em Inglaterra, com a RFU em relação à «John Player», a Federação Portuguesa Rugby encara, muito seriamente, a hipótese de vir a ser apoiada por uma marca, como forma de resolver os graves problemas financeiros com que se debate — «a situação é de tal forma gravosa que é mais do que tempo de abandonarmos pseudo conservadorismos nesta área», referiu à

O director geral dos Desportos, em entrevista que recentemente concedeu a esta revista afirmou que a FPR tinha sido informada da atribuição de determinados apoios, fora do âmbito dos campos. Poderão saber-se que apoios foram (ou são) esses?

Seguimos atentamente as declarações do director geral dos Desportos. Posteriormente, a FPR teve uma reunião com o professor Lopes Marques e o que dela transpareceu é que a DGD (a despeito de compreensivelmente aceitar a problemática que envolve o rugby neste momento e as perspectivas negras que a manutenção de uma política desportiva de «apertar o cinto» fatalmente conduzirá) o director geral, dizia, manifestou a sua impotência para a resolução dos problemas da modalidade. A questão do rugby não é impar, e a crise afecta e condiciona todo o desporto federado.

O problema tem a ver muito, na nossa opinião, com uma manifesta insensibilidade das autoridades hierarquicamente situadas acima da própria DGD, perante o fenómeno desportivo. Portanto, concretamente, a despeito das esperanças que uma leitura menos atenta da entrevista referida poderá conduzir, muito concretamente, temos que a FPR contará em 1982 com 3200 contos.

Esta verba, anunciada tarde e a más horas é idêntica à que a FPR recebeu em 1981. Se o ano passado mal chegou, como é que agora, sendo, em termos reais inferior entre 20 a 30 por cento, a federação vai conseguir «aguentar o barco» sabendo-se que esta época tem de custear três deslocações de outras tantas seleções nacionais ao estrangeiro?

Deixe-me recuar um pouco no tempo, para situar a resposta. Em 81, tal como tem sido hábito nos últimos anos, a FPR elaborou o seu plano de actividades e correspondente orçamento, sendo esta uma das primeiras federações a fazê-lo.

É evidente que nessa altura não só as actividades nacionais se encontravam gizadas e em vias de arranque, como todos os compromissos internacionais estavam assu-

midos. Refiro-me concretamente ao IV Portugal-Inglaterra em juvenis; a participação da selecção junior numa alternativa ao torneio da FIRA (do qual nos afastámos temporariamente, por razões conhecidas); e nos seniores à disputa do Grupo B do Campeonato FIRA, onde a selecção ascendeu por mérito próprio e de forma brilhante.

Como é sabido somente em meados de Fevereiro foram tornadas públicas as verbas que caberiam ao desporto federado. Perante a quantia que foi atribuída ao rugby (em termos reais inferior à de 81!), a primeira reacção foi de perplexidade...

COMPROMISSOS TINHAM CARACTER IRREVERSÍVEL

A FPR chegou a encarar a hipótese de cancelar algum ou alguns desses compromissos?

A FPR considerou nessa altura, e considera, que os compromissos assumidos tinham um carácter irreversível. Isto por razões que têm a ver com todo um trabalho de vários anos, em todos os níveis etários, à escala nacional, cujo corolário natural é o contacto internacional. Para lá disso, há que salvar o prestígio conseguido além-fronteiras, designadamente em Inglaterra, após vários anos de esforços nesse sentido. A direcção da FPR entendeu, por outro lado, não ser seu direito provocar nos jogadores portugueses a inevitável frustração de uma desistência, no meio do percurso.

Por todas essas razões a FPR decidiu deliberadamente, honrar todos os compromissos assumidos internacionalmente, ou seja, participar em todas as provas em que estava comprometida.

Sabendo-se que só em deslocações as três viagens programadas orçam, contas por baixo, em cerca de dois mil contos, como vai a FR resolver o problema?

Esta direcção exerce uma gestão por um período de dois anos. Portanto, considerando que a FPR irá passar o seu exercício de 82 numa situação deficitária, haverá ainda 83 para se tentar uma recuperação.

«Rugby-Revista», o presidente da Direcção da FPR, eng.º António Trindade.

Em extensa entrevista, que a seguir se reproduz, o presidente federativo, para lá desse projecto adianta outras hipóteses da angariação de receita por parte da FPR, para obviar a exiguidade dos 3200 contos atribuídos pelo Estado, para o ano de 1982.

Para lá da questão dos dinheiros postos à disposição da FPR — idênticos aos recebidos em 1981 — António Trindade afirma também estar a FPR «receptiva a estudar e acordar» a transição do Plano de Desenvolvimento para o seu âmbito.

«A FPR está naturalmente consciente do risco que constitui ver a modalidade, a um nível tão importante como é o juvenil, entregue, bem como as respectivas verbas, nas mãos de individualidades que do rugby, provavelmente, só saberão que se joga com uma bola de feitio esquisito», referiu o presidente federativo a propósito da passagem do PD para a responsabilidade das delegações da DGD.

O descrito não significa, no entanto, que a direcção parta para o ano corrente numa situação de conformismo. Na realidade, estão a desenvolver-se esforços tendentes à criação de alternativas de fluxo de capital que, a resultarem, poderão minimizar a perspectiva descrita.

«GAZUA» CHAMA-SE PUBLICIDADE

Que esforços? Em que sentido?

A «gazua» da situação chama-se publicidade. Portugal vai disputar três jogos internacionais, a nível senior, em Lisboa, um dos quais frente à Espanha. Está a tentar-se a transmissão televisiva de um deles, o que poderá constituir uma fonte de receita importante.

Mas isso será ainda «curto»...

Entre outras medidas, que consideramos de pequena monta, contam-se a elaboração de um programa relativo aos jogos do Campeonato da FIRA de seniores, com publicidade; entradas pagas nos três encontros de Lisboa — com um pouco de sorte e algum esforço o Portugal-Espanha, por exemplo, poderá registar uma assistência pagante na ordem das três mil pessoas, e se fizermos bilhetes a 50 escudos (um cinema custa mais que isso) poderemos conseguir uma receita bruta de 150 contos.

Estas algumas das hipóteses imediatas de angariação de fundos. Outras melhores certamente existirão. A direcção da FPR e o Director Técnico Nacional (que uma vez mais se tem mostrado muito mais que um Director Técnico Nacional) constituem um lote exiguo, pelo menos em quantidade, para solucionar, para solver, os múltiplos problemas, designada e especificamente o financeiro, o qual, a manter-se, poderá deitar por terra todo um esforço de muito boa gente durante muitos anos.

É altura das pessoas que de facto gostam de rugby darem as mãos e unirem-se num momento que consideramos crucial para a modalidade. E, muito a propósito relembro que a direcção da FPR tem vários «lugares



António Trindade: «O problema tem muito a ver com uma manifesta insensibilidade das autoridades hierarquicamente situadas acima da própria DGD, perante o fenómeno desportivo

vagos, sem concurso». Ou seja, estamos receptivos a todas as adesões.

UM PATROCINADOR PARA O RUGBY

Voltando às receitas, referiu que considerava a medidas expostas de pouca monta. Há outras de «grande monta»?

De facto há. Ou pelo menos existe o projecto e a vontade. Estamos a fazer esforços no sentido de arranjarmos patrocinadores ou patrocinador para o rugby português. Não gostaria de falar mais detalhadamente sobre esta matéria, neste momento. Pode até perfeitamente acontecer que um dos vários milhares de leitores de «Rugby-revista» tenha uma proposta interessante a fazer-nos...

Isso significa, então, que poderemos, em breve, ter um campeonato nacional «baptizado» com o nome de uma qualquer marca, a exemplo do que sucede em Inglaterra com a John Player Cup?

A situação é de tal forma gravosa — sem sermos alarmistas — que é mais do que tempo de abandonarmos pseudo conservadorismos nesta área. Se queremos, de facto, e parece não haver dúvidas, que a modalidade avance num país numa situação económica em queda livre, há que implementar formas inovadoras para resolver esta situação.

RECEPTIVOS À INTEGRAÇÃO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO

Qual a posição da FPR — isto passando a outro assunto — em relação à transferência da «administração» do Plano de Desenvolvimento para as delegações distritais da DGD?

Para começar queria referir que a FPR tomou, em relação à integração no seu seio do Plano de Desenvolvimento, uma atitude

construtiva e cautelosa. Temos para nós, por evidente, que sendo a FPR quem superintende tudo o que toca ao rugby em Portugal, este largo «chapéu» cobre, de facto, tudo o que se faz no nosso País neste domínio. Porém a situação é complexa e, logo à partida, tornou-se bem claro à DGD que, a despeito do descrito, teriam que ser criadas, ou pelo menos garantir que o iriam ser, as condições para que a FPR pudesse receber tão grande responsabilidade.

A situação que presentemente se vive em relação ao Plano do rugby é de extrema confusão. Vive-se num estado de indefinição de responsabilidades e de tarefas que não interessa a nenhuma das partes. Corre-se o risco de se perder uma vez mais um esforço e uma estrutura que, não sendo perfeita, inevitavelmente conduziu aos resultados conhecidos.

Pensa a FPR vir a assumir a responsabilidade do PD?

A posição da FPR mantém-se. Ou seja, está receptiva, como sempre esteve, a estudar e a acordar essa transição. Hoje como sempre e mais do que nunca.

A direcção da FPR tem, então, consciência do perigo que constitui para a modalidade, o PD ter passado para a

«gerência» das delegações da DGD?

A FPR está naturalmente consciente do risco que constitui ver a modalidade, a um nível tão importante, como é o juvenil, entregue, bem como as respectivas verbas, nas mãos de individualidades que do rugby, provavelmente, só saberão que se joga com uma bola de feição «esquisito». Daí a minha afirmação de estarmos «hoje como sempre e mais do que nunca» receptivos a estudar os termos da integração do PD no seio da Federação.

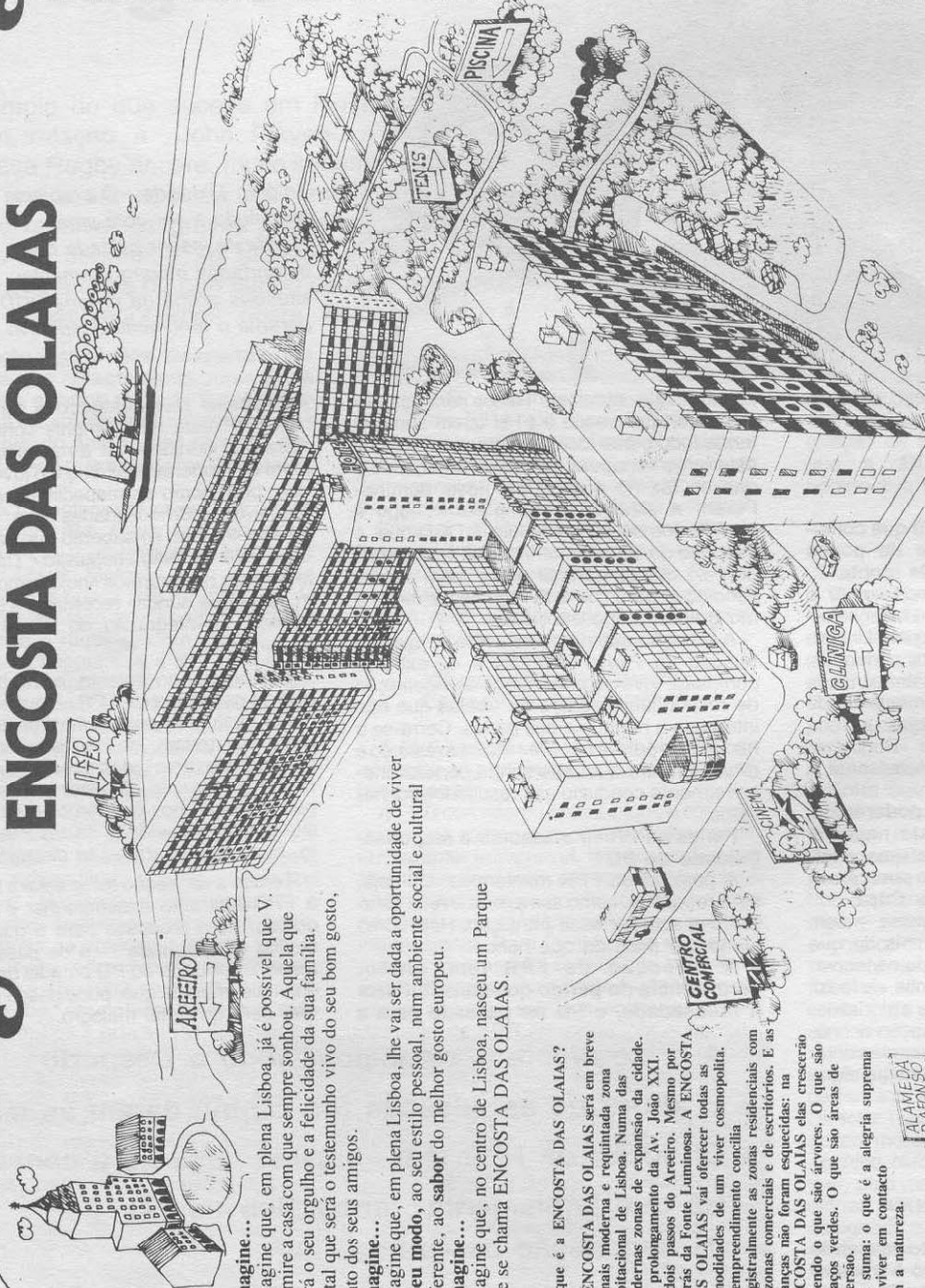
Pensamos, no entanto, como há meses, que as estruturas da FPR — que «rebatam pelas costuras» com o movimento já existente — teriam de se substancialmente melhoradas, ampliadas e reestruturadas para tal integração. É este aspecto, entre outros, a que nos queríamos referir quando citámos a necessidade do assunto ser aberto, honesta e claramente discutido.

Temos a sensação de se estar a tentar que a FPR aparente desempenhar o papel de odioso, num processo para o qual não foi ouvida nem achada — a da passagem de responsabilidade do PD para as delegações distritais, medida que, pode desde já prevenir-se, será um total malogro.

- A crise afecta e condiciona todo o Desporto
- É altura de as pessoas (do rugby) darem as mãos
- Direcção da FPR tem «lugares vagos e a concurso»
- Há que implementar formas inovadoras de angariação de verbas
- Publicidade poderá ser fonte de receita
- Estamos hoje, mais do que nunca, receptivos a estudar a integração do Plano

Um novo Conceito de Vida em Lisboa

ENCOSTA DAS OLAIAS



Como será a vida na ENCOSTA DAS OLAIAS?

Na ENCOSTA DAS OLAIAS serão construídos 1300 fogos. Pode escolher entre 2, 3, 4, 5 e 6 assoalhadas. Ou, se preferir, um andar duplex, com uma estupeira o vista sobre a cidade ou rio. Você decidirá o que mais lhe convier.

Os moradores da ENCOSTA DAS OLAIAS vão poder fazer as suas compras num moderníssimo Centro Comercial: uma rua coberta com galerias comerciais, num total de 150 lojas.

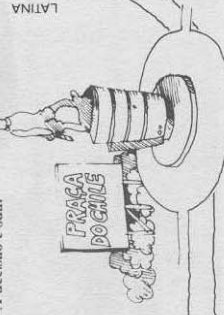
O que a ENCOSTA DAS OLAIAS oferece é único em Lisboa. Integrados em ampla zona verde haverá um clube com piscinas, court de ténis, pavilhão desportivo polivalente, salas de squash, saunas, tudo de acordo com o seu estilo de vida. Terra, ainda, Aparthotel, cinemas, restaurantes, snack-bars, "pubs". A sua família vai achar formidável poder "convivê-lo" para um jantar fora e depois levá-lo ao cinema: tudo ali ao lado.

Eles vão gostar. E, você também.



É bom viver em Lisboa

Dissemos-lhe o que vai ser a Encosta das Olaias. Mostramos como a mais fértil imaginação é facilmente ultrapassada pela realidade. Convidamo-lo a fazer parte do pequeno número daqueles que terão o privilégio de viver na Encosta das Olaias. O Convite é nosso. Pense nas vantagens de viver dentro de Lisboa. Ao melhor estilo europeu. A dois passos de tudo. Com grandes facilidades de acesso e transportes urbanos à porta, a toda a hora. Sabemos o que é prestígio e para quem o criamos. A decisão é sua.



LATINA

Imagine...
Imagine que, em plena Lisboa, já é possível que V. admire a casa com que sempre sonhou. Aquela que fará o seu orgulho e a felicidade da sua família. A tal que será o testemunho vivo do seu bom gosto, junto dos seus amigos.

Imagine...
Imagine que, em plena Lisboa, lhe vai ser dada a oportunidade de viver a seu modo, ao seu estilo pessoal, num ambiente social e cultural diferente, ao sabor do melhor gosto europeu.

Imagine...
Imagine que, no centro de Lisboa, nasceu um Parque que se chama ENCOSTA DAS OLAIAS.

O que é a ENCOSTA DAS OLAIAS?
A ENCOSTA DAS OLAIAS será em breve a mais moderna e requintada zona habitacional de Lisboa. Numa das modernas zonas de expansão da cidade. No prolongamento da Av. João XXI. A dois passos do Arredo. Mesmo por detrás da Fonte Luminosa. A ENCOSTA DAS OLAIAS vai oferecer todas as comodidades de um viver cosmopolita. O empreendimento concilia magistralmente as zonas residenciais com as zonas comerciais e de escritórios. E as crianças não foram esquecidas: na ENCOSTA DAS OLAIAS elas crescerão sabendo o que são árvores. O que são espaços verdes. O que são áreas de diversão.

Em suma: o que é a alegria suprema de viver em contacto com a natureza.

Empreendimento Urbanístico

FERNANDO MARTINS, LDA.

SEDE: Rua Alves Redol, 19-1.º Dt.º 1000 LISBOA - TEL. 77 05 58
VENDAS: Rua Aquiles Machado, 4B 1900 LISBOA - TEL. 80 21 74

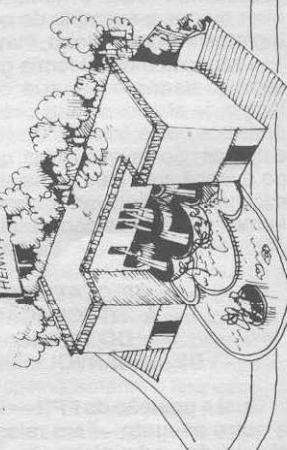




Foto-Rugby

A selecção nacional realizou, na Aldeia das Açoteias, o seu primeiro estágio com vista à campanha internacional. Reconhecem-se na foto: Ernesto, Vasco Lynce, Filipe, Gaio, Faustino, José Luís, João Carlos, Bernardo, Duque e Luís Carlos; em baixo — Consciência, Trigo Morais, D. Megre, Didio, J. Marques Pinto, Manuel Costa, Paisana, Roxo, Henrique Mendonça e António Ferreira

Marrocos e Espanha: um «arranque» difícil

A participação de Portugal no Grupo B do Campeonato da FIRA 81-82 inicia-se com a disputa dos encontros com Marrocos (21 de Março) e Espanha (28), ambos marcados para o Estádio Universitário de Lisboa, às 15 horas.

Já aqui, nesta revista, se referiu que as aspirações do «quinze» nacional esta temporada são algo diferentes em relação

às de 80-81. De facto, há um ano o objectivo de Portugal era ganhar o Grupo C e subir ao escalão imediatamente seguinte. Tal aconteceu, como todos estamos recordados, de forma categórica, após quatro excelentes triunfos. Agora, a meta a atingir será a manutenção.

Não está em causa a possibilidade de a selecção conseguir ir mais longe que isso. Até seria estimulante. Há é que encarar esta prova com realismo. Na realidade, embora um «brilharete» possa ser alcançado, pensamos que, entre os seis concorrentes, o lugar de Portugal será o 4.º ou o 5.º.

Para já, frente a Marrocos — país com que temos um palmarés, se bem que desfavorável, mais ou menos equilibrado — tudo dependerá da equipa que os norte-africanos tragam a Lisboa. Se ela

incluir os jogadores emigrados em França os problemas serão, por certo, muito grandes e o favoritismo terá de ir inteiramente para o seu lado. Se, como se julga mais certo, o «quinze» que actuar no «Universitário» não incluir esses elementos, então as coisas passar-se-ão de outra forma, e as possibilidades portuguesas sobem bastante, podendo mesmo encarar-se a hipótese de um triunfo.

Recentemente, com a habilidade que se lhes reconhece, os dirigentes da Federação de Marrocos conseguiram, junto da FIRA, o adiamento da partida com a Espanha, marcado para 21 de Fevereiro. A explicação para tal atitude filia-se, por certo, na impossibilidade de levar a Madrid o seu «quinze» mais forte, isto é, integrando os jogadores que militam no rugby francês, isto devido a, nesta altura, o

FIRA nomeia árbitros

O árbitro que dirigirá o Portugal-Marrocos não será Sacristan, como foi inicialmente informado pela FIRA, mas o também espanhol Manuel Garrido Arruti, de Barcelona. Para o Portugal-Espanha, mantém-se a nomeação do francês Lamoulié.

Em relação ao jogo com a Tunísia, o juiz designado é o marroquino Chittiti que, ano passado apitcu o jogo com a Bélgica, disputado em Coimbra, e realizou fraquíssima actuação. No que respeita ao jogo com a Holanda, a FIRA ainda não nomeou árbitro, mas a partida com a Polónia, será dirigida por outro francês, o sr. Doulct.

Refira-se que o delegado da FIRA aos jogos de Lisboa será o professor Duarte Leal, Director Técnico Nacional.



fira • fira • fira • fira • fira • fira • fira



Nas Açteias também houve «bola redonda». Na «pelada» participam, da direita para a esquerda, Faustino, Trigo Morais, Ernesto, Didio, João Carlos e Henrique Mendonça

campeonato de França de encontrar em fase decisiva e os clubes não terem cedido os marroquinos das suas equipas. Agora, um mês depois, a situação mantém-se.

No entanto, pensamos, como Portugal vem do Grupo C, este jogo de Lisboa deverá ser encarado de forma mais optimista pelos responsáveis do Marrocos e portanto, não necessitando dos «emigrantes».

Daqui, se julgar que as hipóteses de Portugal subam. Mas há que ter cuidado. O tipo de jogo de Marrocos é «difícil». Isto é, normalmente as suas equipas não param durante os 80 minutos, exercendo pressão em todo o lado, privilegiando o pontapé e jogando de maneira agressiva.

Não se pode esquecer que os norte-africanos comandam o grupo com três vitórias, uma delas obtida na Holanda, e isso poderá constituir ainda um «doping» suplementar.

Portanto, e resumindo, as coisas não serão fáceis para Portugal. Se vier a Lisboa a equipa mais forte, serão poucas as chances de um triunfo. Se, pelo contrário, a selecção que se deslocar ao nosso país for constituída pelos não emigrados, o «quinze» português, embora com dificuldade, poderá muito bem estrear-se na prova com uma vitória.

Quanto ao jogo seguinte, com a Espanha, trata-se de um caso muito mais difícil. Os espanhóis, de facto, constituem,

teoricamente, a formação mais forte do grupo, vinda do escalão superior.

O seu «andamento» é, naturalmente, superior ao português, isto não só devido ao hábito de jogar com equipas mais fortes como ao próprio potencial do seu rugby actual. Não nos podemos esquecer, na realidade, que já passou há muito o tempo em que Portugal, mesmo perdendo, se batia de igual para igual com os espanhóis. A modalidade cresceu espectacularmente no país vizinho e uma eventual vitória terá de ser encarada como um «acidente» histórico.

É claro que um Portugal - Espanha é sempre um Portugal - Espanha. É um jogo com uma mística muito especial. Agora, temos é de ser realistas. Em princípio, embora acreditemos que a diferença pontual não venha a ser grande, a Espanha é favorita. Teoricamente tem a «obrigação» de ganhar.

Para este encontro, gostaríamos de acrescentar, pensamos que o desfecho e a própria actuação da selecção nacional no jogo com Marrocos poderá desempenhar papel importante. Nestas questões, de facto, a moral é muito importante.

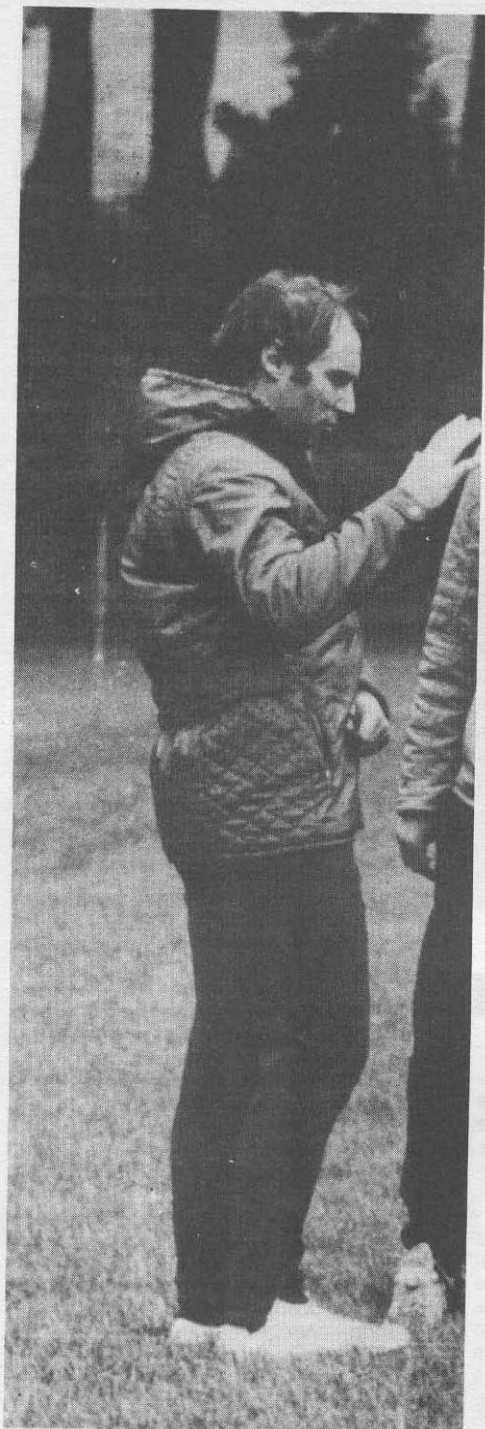
Em resumo poderá acrescentar-se que este arranque é difícil, mas com um pouco de sorte poderá ser passado com êxito, ou pelo menos meio êxito. A categoria dos jogadores portugueses, a sua fibra, merecem que se lhes conceda a nossa confiança. — J.F.M.

Resultados de 36 jogos

1933	Lisboa-Madrid	6- 5	Lisboa	23-3-1969	Portugal-Espanha	11-15	Barreiro
1934	Lisboa-Madrid	0-14	Madrid	20-4-1969	Portugal-Marrocos	6-15	Casablanca
13-4-1935	Portugal-Espanha	5- 6	Lisboa	20-12-1970	Portugal-Espanha	0-17	Madrid
28-3-1936	Portugal-Espanha	9-16	Madrid	5-4-1970	Portugal-Holanda	9- 9	Hilversum
24-3-1940	Lisboa-Madrid	3- 9	Lisboa	12-4-1970	Portugal-Marrocos	8- 9	Barreiro
5-4-1954	Portugal-Espanha	0-23	Madrid	20-2-1972	Portugal-Italia	0- 0	Padua
1-5-1965	Portugal-Espanha	9-12	Lisboa	2-4-1972	Portugal-Italia	3-17	Lisboa
27-3-1966	Portugal-Espanha	0-23	Madrid	25-2-1973	Portugal-Italia	9- 6	Coimbra
1-5-1965	Portugal-Espanha	9-12	Lisboa	8-4-1973	Portugal-Jugoslavia	3- 3	Markarska
27-3-1966	Portugal-Espanha	9- 3	Madrid	11-4-1973	Portugal-Suica	23- 4	Neuchatel
24-4-1966	Portugal-Belgica	3- 3	Bruxelas	22-4-1973	Portugal-Polonia	13-35	Varsovia
26-3-1967	Portugal-Espanha	5- 0	Lisboa	13-5-1973	Portugal-Polonia	13- 3	Coimbra
7-5-1967	Portugal-Italia	3- 6	Genova	10-2-1974	Portugal-Italia	3-11	Lisboa
21-5-1967	Portugal-França	14-56	Lisboa	8-4-1974	Portugal-Alem. Fed.	10-20	Hanover
28-5-1967	Portugal-Romenia	6-46	Lisboa	27-3-1979	Portugal-Suica	31- 0	Lisboa
31-3-1968	Portugal-Espanha	5-14	Madrid	28-2-1981	Portugal-Suica	39- 0	Lisboa
21-4-1968	Portugal-Belgica	8- 6	Lisboa	5-4-1981	Portugal-Belgica	15- 7	Coimbra
5-5-1968	Portugal-Marrocos	6- 6	Lisboa	15-5-1981	Portugal-Dinamarca	45-16	Copenhague
12-5-1968	Portugal-Italia	3-17	Lisboa	17-5-1981	Portugal-Suecia	15-10	Trelleborg

Em resumo: 36 jogos. 12 vitórias. cinco empates e 19 derrotas. 347 pontos marcados e 439 sofridos.

Pedro Lynce:



«Embora o nosso objectivo seja o 5.º lugar não receamos qualquer adversário», mas, se «há um ano o objectivo era ganhar, este ano as nossas ambições são forçosamente mais limitadas»

Nosso objectivo é o quinto lugar

«Embora o nosso objectivo seja o quinto lugar, e para ele vamos lutar, gostaria de deixar bem claro que, à partida, não receamos qualquer adversário», declarou à «R-R», o eng.º Pedro Lynce responsável pela selecção nacional de seniores.

«O grupo em que nos encontramos é muito mais difícil que o de 1981 — acrescentou — e se há um ano o objectivo era ganhar, o que aconteceu, este ano as nossas ambições são forçosamente mais limitadas.

«Se obtivéssemos aquela posição, ou, mesmo, o quarto lugar — prosseguiu — tal dar-nos-ia o direito a permanecer no grupo, o que seria óptimo».

«Penso — continuou — que de uma forma geral poderemos dividir os nossos adversários em três grupos diferentes: num primeiro, a Polónia e Holanda, que nos deverão ser superiores sob o ponto de vista físico; num segundo a Espanha em que o poder físico-atlético, embora provavelmente inferior aos anteriores, se deverá aliar a uma muito maior valia técnica; no terceiro grupo, finalmente, incluiremos Marrocos e a Tunísia, equipas normalmente senhoras de uma excelente forma física — correm por sistema, da mesma forma, durante os 80 minutos — e de grande agressividade».

«Quanto a Marrocos e à Espanha, os primeiros adversários — adiantou o seleccionador nacional — penso que as coisas se deverão passar de forma diferente, num e noutro caso. No jogo com os marroquinos considero fundamental quebrar a sua agressividade pela técnica e velocidade de pernas e de execução. Embora Marrocos seja a equipa que comanda o grupo e seja, à partida, favorito tenho esperanças numa surpresa. Já em relação à Espanha essa surpresa parece-me muito mais difícil venha a acontecer, embora se tenha de ter em conta que se trata de um Portugal-Espanha, jogo sempre diferente, com características especiais. Frente aos espanhóis temos de ser nós a desempenhar o papel de «marroquinos», isto é, tentar estragar-lhes o jogo o mais possível, exercer constante pressão, e esperar uma

possibilidade de ganhar o jogo. Repare-se, e tenha-se em conta, que a Espanha actual nos é superior sob todos os aspectos. Pelo que os espanhóis têm trabalhado em termos de rugby nos últimos anos serão sempre favoritos».

«Quanto a hipóteses — acentuou — para esse encontro, penso que tudo está dependente da capacidade de percussão da avançada em relação à espanhola. Se o «pack» português conseguir pará-los e conquistar algumas bolas em condições jogáveis tenho esperanças de poder equilibrar a partida. Se porventura a superioridade espanhola for de tal ordem que não nos permita ganhar bolas em boas condições a tarefa vai ser ingrata. É cohecida a dificuldade das nossas equipas quando são chamadas exclusivamente a defender».

«No que diz respeito à selecção feita — continuou Pedro Lynce — pensámos primeiro no sistema de jogo a adoptar, que nos permita ter hipóteses internacionalmente, o que, reconheço-o é discutível, por não conhecermos a fundo o valor dos adversários; definido o sistema, tetei encontrar o grupo de jogadores que pudessem encaixar-se nele, tendo em determinados casos olhado à sua experiência e à capacidade de recuperação de «forma». Devo dizer, aliás, que as opções também não são muitas, ainda que tivesse tido algumas dúvidas em relação a determinados lugares. Houve, também, casos de jogadores que por motivos de ordem profissional ou outros, pediram escusa da selecção — alguns com quem contava».

«A convocação dos dois jogadores que alinham em equipas francesas — disse ainda o seleccionador nacional — fizeram-se porque dispomos de muito boas informações técnicas sobre eles, porque pensamos que a sua vinda até poderá ser benéfica para os próprios jogadores que actuam em Portugal, e porque para um dos lugares que por eles pode ser preenchidos (o de pilar) ser neste momento difícil encontrar em Portugal elementos que dêem garantias — talvez por demasiada juventude dos candidatos».



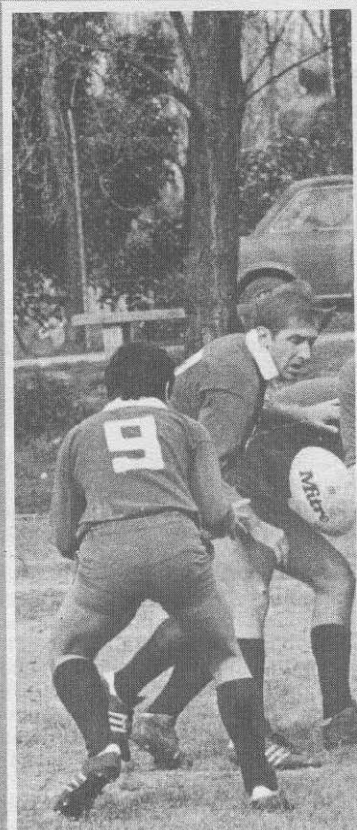
octogono

MOBILIÁRIO
COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

Seleccionados 27 jogadores



Vasco Lynce é o novo «capitão» da selecção nacional

	Lugar	Clube	Altura	Peso	Data nasc.
João Carlos	Pilar	Benfica	1,80	105	49
Henrique Macieira	Pilar	CDUL	1,75	100	57
Amadeu Monteiro	Pilar	S. Palloise	1,87	98	—
Joaquim Pereira	Pilar	CDUL	1,85	89	39
António Duque	Talonador	Direito	1,75	92	48
Ernesto Pinto	Talonador	Benfica	1,75	82	49
Filipe Oliveira	2.ª Linha	Direito	1,85	100	52
José Luis	2.ª Linha	CDUL	1,88	98	57
Rui Gaio	2.ª Linha	Benfica	1,83	86	55
Vasco Lynce - cap.	Flanker	CDUL	1,81	87	48
Faustino	Flanker	Louletano	1,85	92	—
António Ferreira	Flanker	Direito	1,81	85	61
Luís Carlos Costa	Flanker	Académica	1,85	90	57
Bernardo M. Pinto	N.º 8	CDUL	1,83	89	58
João M. Pinto	Formação	CDUL	1,79	71	61
E. Trigo Morais	Formação	Benfica	1,66	66	62
Pedro Eiró	Abertura	CDUL	1,76	77	57
Manuel Paisana	Centro	Direito	1,70	67	52
Luís Roxo	Centro	Belenenses	1,76	73	59
Dídio Aguiar	Centro	Direito	1,70	70	49
Paulo Consciência	Centro	Agronomia	1,78	76	58
Mário Nunes	Centro	Orleans	—	—	—
Carlos Moita	Ponta	CDUL	1,71	78	54
Henrique Mendonça	Ponta	CDUP	1,75	76	—
M. Saraiva Lima	Ponta	Agronomia	1,71	69	58
Domingos Megre	Defesa	CDUL	1,75	75	56
Manuel Costa	Defesa	Belenenses	1,79	79	52

Espanha venceu Holanda (25-12)

Numa magnífica manhã para a prática do jogo, ensolarada e com a presença de um público entusiasta que encheu o estádio de Fuxardá, em Barcelona, Espanha e Holanda deram forças num confronto que marcou a estreia vitoriosa (25-12) dos espanhóis no Grupo B do Torneio da FIRA.

Apontado como favorito, já que na época anterior militara no Grupo A, o «quinze» de Espanha entrou a jogar francamente bem, tomando de imediato o comando das operações. Assim, não se estranhou que, ao intervalo, o marcador acusasse já um desnível considerável, fruto da marcação de dois «ensaios», transformados, e de um pontapé de penalidade convertido. No período complementar o resultado chegaria a 25-0 (dois ensaios, um deles transformado), para se entrar, posteriormente, num período mais incaracterístico, aproveitado pelos holandeses para esboçarem uma reacção (algo tímida), mas que lhes valeu um ensaio (transformado) no minuto final e dois pontapés de penalidade transformados.

Numa análise sumária a ambos os «quinzes», pode dizer-se que a selecção espanhola está bem servida na linha de três quartos, muito rápida e imaginativa,

usando amiúde o passe directo do abertura para o segundo centro. A parêlha de médios está bem sincronizada, com realce para o abertura, que é, aliás, o capitão. Pressionando bem o adversário, a Espanha decaiu, sobretudo no capítulo físico, na fase final.

Do lado holandês, aparte a envergadura do seu «pack» (onde sobressai o seu pilar esquerdo (autor do ensaio) pouco mais se viu. Deu a sensação de ser, sobretudo, uma equipa desarrumada, onde o médio de abertura Kastens foi quem mais se distinguiu, pela visão de jogo revelada e pelos seus bons pés. As «linhas atrasadas» não revelaram velocidade, abriram alguns «buracos» a defender e, no ataque, usaram e abusaram do estatismo na recepção do passe. As poucas iniciativas atacantes foram mais fruto da cedência espanhola, do que da conquista de terreno por parte dos homens da equipa «laranja».

A. C.

ESPAÑA-MARROCOS FOI ADIADO

Refira-se que a partida Espanha-Mar-

rocos, marcada para 21 de Fevereiro, foi adiada a pedido dos marroquinos. A data do jogo deverá ser estabelecida quando do torneio junior da FIRA.

Após a realização do Espanha-Holanda, a classificação no Grupo B está assim ordenada:

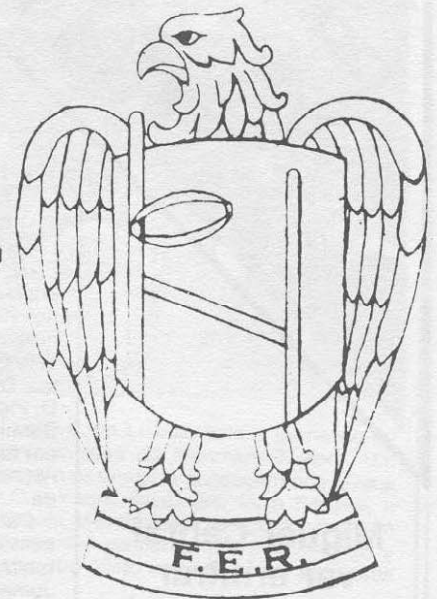
	J	V	E	D	M-S	P
Marrocos	3	3	—	—	22-10	9
Holanda	4	1	—	3	39-60	6
Tunísia	3	1	—	2	10-21	5
Polónia a)	3	1	—	2	22-15	4
Espanha	1	1	—	—	25-12	3
Portugal	—	—	—	—	—	—

a) Têm uma falta de comparência.

Até final faltam disputar-se os jogos seguintes:

Portugal — Marrocos, 21.3.82.
 Portugal — Espanha, 28.3.82.
 Portugal — Tunísia, 17.4.82.
 Holanda — Portugal, 25.4.82.
 Espanha — Tunísia, 25.4.82.
 Polónia — Portugal, 28.4.82.
 Polónia — Espanha, 8.5.82.
 Espanha — Marrocos, (data a marcar).

O rugby espanhol cresceu «assustadoramente»



O rugby espanhol é aquele que nós, portugueses, talvez conheçamos melhor de todos os que, nesta edição do campeonato da FIRA, iremos defrontar. Pelo menos em termos «históricos».

De facto, desde 1933, data do 1.º Lisboa-Madrid, até Dezembro de 1970 (já lá vão 12 anos!) altura em que se disputou o último Portugal - Espanha, as duas representações nacionais encontraram-se 12 vezes. E nessa dúzia de confrontos a vantagem pertence aos espanhóis: nove triunfos contra apenas três êxitos das cores nacionais, com um «goal-average» de 134-65.

Se já antes a superioridade espanhola era acentuada — excepção para os anos de 66 e 67 — neste momento, crê-se (porque não temos termos de comparação reais, isto é, jogos para o aferir) essa maior capacidade ter-se-á acentuado. A todos os níveis.

Na realidade, em 1981 a Federação Espanhola tinha filiados 165 clubes, 182 árbitros licenciados, 122 treinadores e 10 729 jogadores inscritos. Estes números dão uma ideia das possibilidades actuais do rugby espanhol. Se juntarmos que a FER recebe do Estado cerca de 17 vezes mais que a FPR, poderá ter-se uma ideia da diferença de potencialidades num e noutro país, o que não significa que não seja possível às equipas portuguesas baterem formações espanholas — o triunfo de 1979 das «esperanças», em Lisboa, é disso um exemplo recente.

O rugby surgiu em Espanha no início do século, em 1901, em Bilbao, por influência inglesa. A experiência durou pouco, e só em 1921, em Barcelona «ressurgiu», talvez por força da proximidade francesa.

O Santboiana conquistou o primeiro torneio disputado, logo em 1922, por quatro equipas. Dessa altura até 1945, após alguns acidentes de percurso — criação de federações paralelas (a da Catalunha foi membro fundador da FIRA, por exemplo), a uma guerra civil, etc., foi fundada a FER

(1923), disputou-se o primeiro campeonato nacional (1925) e aconteceu o primeiro jogo internacional (1927, frente à França, em Madrid, com derrota por 0-66), o número de clubes situava-se em 12 e os jogadores em 500.

De 46 a 65 essa cifra subiu para 20 e mil, respectivamente. A partir, porém, de 1966 registou-se uma verdadeira explosão. O rugby passou a ser mais apoiado e, gradualmente, aqueles números foram subindo até aos actuais 165 clubes e 10 729 jogadores.

A FER agrupa 11 federações provinciais e quatro delegações provinciais que, a nível local, coordenam a actividade e se responsabilizam pelas competições dos escalões juvenis e de nível superior, de âmbito regional.

Com características nacionais, a FER promoveu em 1981 dez campeonatos e, regionalmente, disputaram-se 43 provas oficiais, nos vários escalões.

Por níveis etários, a distribuição de jogadores em Espanha é a seguinte: 4718 seniores; 2108 juniores, 3021 juvenis, e 882 infantis (os nossos iniciados).

As províncias de Madrid e Barcelona

concentram o maior número de clubes (17 e 23, respectivamente), seguindo-se as Astúrias (15), a Biscaia (13), Valência e Guipuzcoa (11) e Sevilha (10).

Refira-se, finalmente, que o campeão da I Liga de Espanha, na temporada passada, foi o «quinze» de Arquitectura (Madrid), seguido do Hernâni RC, Valência RC e Ciências Sevilha. Arquitectura ganhou também a «Taça do Rei», depois de bater na final o Canoe Natacion Clube (Madrid), por 25-7. A nível de seleções regionais (10) a vencedora do respectivo torneio foi a de Guipuzcoa, que venceu Valladolid, na final, por 22-9.

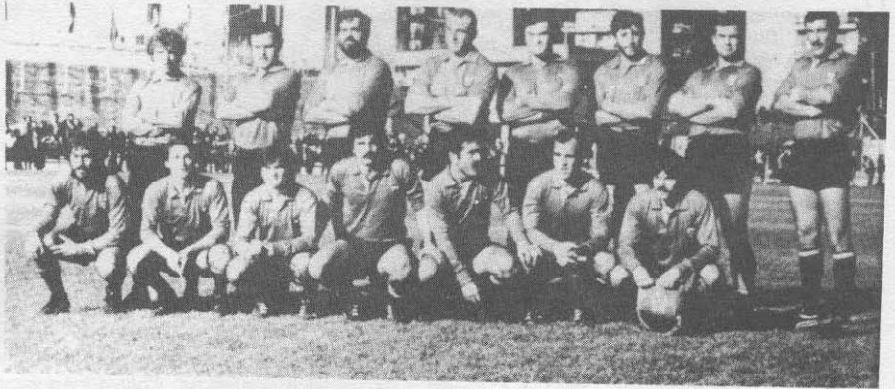


Foto-Rugby

Esta uma das equipas de Espanha que, há um ano, disputou o Grupo A do Campeonato da FIRA

Marrocos: números



«estabilizados»

O rugby marroquino, apesar de com menor «intensidade», tal como o espanhol, também não é um desconhecido dos portugueses.

A selecção senior, com efeito, já jogou com o Marrocos três vezes. Empatou, em 1968, em Lisboa (6-6), perdeu no ano seguinte, em Casablanca, por 15-6, e voltou a ser batida em 1970, no Barreiro, por 9-8. Um «palmarés», portanto, pouco

brilhante da selecção nacional, que agora poderá ser melhorado.

A modalidade em Marrocos parece ter estabilizado. De facto, o número de clubes e de jogadores não tem variado muito nos últimos anos. Em 1956, data da filiação na FIRA, eles eram cerca de uma dúzia e neste momento são 17. Quanto a jogadores encontram-se inscritos cerca de 1300 (816 em 1976).

Por cá
RES-SALTOS
lá fora

Miguel Cabral vai arbitrar Espanha-Tunísia

O árbitro português Miguel Cabral foi nomeado pela FIRA para dirigir a partida Espanha-Tunísia, no Grupo B, que se disputa no país vizinho, em 25 de Abril.

Esta nomeação afigura-se um tanto ou quanto estranha — não está em causa o valor daquele árbitro — pois, recorde-se, Luís Feist foi designado para o Tunísia-Jugoslávia do torneio da época passada e não chegou a actuar, devido ao cancelamento desse jogo. Pareceria que, agora, uma vez que iria ser nomeado um árbitro português fosse Feist o escolhido. A FIRA não o entendeu dessa forma e optou por proporcionar a internacionalização a Miguel Cabral.

FIRA júnior: mais desistências

O Torneio da FIRA de juniores, que terá a sua 14.ª edição em Abril, na Suíça, não parece estar bem encaminhado. De facto, para lá da ausência de Portugal — as razões deste afastamento já aqui foram noticiadas com o devido relevo — a Roménia anunciou também a sua não participação, por razões financeiras, e a presença de Marrocos está muito duvidosa, admitindo-se mesmo que não venha a tomar parte na competição.

Llaneli estagia em Portugal

Uma das mais prestigiosas equipas do rugby mundial, o Llaneli RFC, do País de Gales, onde militam jogadores como Ray Gravell, Peter Morgan, David Nicholls, Derek Quinnell, Paul Ringer, D. Pickering, J. J. Williams Phil Bennett, estagiará em Portugal, em Lamego, durante uma semana, no início da próxima temporada.

Paralelamente à presença entre nós desta credenciada equipa, realiza-se a primeira parte das «11» Jornadas Técnicas de Rugby-Coimbra/Lamego-82.

Os castigos mês a mês

No período de 3 a 28 de Fevereiro a FPR tornou públicos os castigos seguintes, aplicados a jogadores e clubes:

— José Pedro Gramaxo Sampaio Maia (CDUP-Senior): um ano de suspensão

- por «agressão ao árbitro»;
- Carlos Alexandre Andrade Dores (Técnico-Senior): seis meses de suspensão por «tentativa de agressão ao árbitro»;
- Carlos Manuel Batista Simões (Técnico-Senior): seis meses, idem;
- João Pedro Soares de Oliveira (CDUE-Senior): quatro jogos por «agressão a adversário»;
- Rafael Caldeira Castelo-Branco Valverde (Técnico-Senior): quatro jogos, idem;
- Luís Filipe Almeida Corona Pinto Barbosa (Agronomia-Senior): quatro jogos, idem;
- Nelson Manuel Meneses Gomes (Académica-Senior): quatro jogos, idem;
- Luís Filipe Lança de Moraes (Direito-Junior): quatro jogos, idem;
- António Eduardo Silva dos Santos (Benfica-Junior): quatro jogos, idem;
- João Paulo Rocha Vieira (Agronomia-Junior): quatro jogos, idem;
- Miguel Nuno Calisto Menezes Pereira Monteiro (Académica-Junior): quatro jogos, idem;
- Francisco Manuel Painho Jantarão (St.ª Luzia-Junior): um jogo, «por jogo incorrecto»;
- Belenenses B: Falta de comparência, no jogo com Benfica B (II Div.);
- CDUP: Falta de comparência, no jogo com Agronomia (I Div.);
- St.ª Luzia: Falta de comparência, no jogo com o Barreiro (II Div.);

- RC Coimbra: Falta de comparência, no jogo com o Belas (II Div.);
- CDUP: Falta de comparência no jogo com o Belenenses — indisciplina dos jogadores não permitiu terminar o jogo (I Div.);
- Técnico: Falta de comparência no jogo com Agronomia — idem (I Div.);
- Agronomia: Falta de comparência, no jogo com o Técnico — idem (I Div.);
- Inquérito: a FPR decidiu realizar um inquérito aos factos ocorridos após o jogo Técnico-Direito (I Div.).

3.º F.I.R.C. de 4 a 6 de Junho

De 4 a 6 de Junho o CRRC organiza o seu «3.º Festival Internacional de Rugby de Coimbra (FIRC)», que engloba um Torneio de Veteranos (grupo único acima dos 35 anos) com jogos de classificação a 4 e 5, e finais a 6, além do seu já tradicional «Torneio Sagres-Sevens», a disputar no dia 5 de Junho.

As inscrições das equipas interessadas deverão ser feitas até ao dia 30 de Abril.

Entretanto, no próximo dia 23 de Março, na sede em Coimbra, o CRRC promove uma conferência de imprensa para divulgação do calendário internacional do corrente ano, dar a conhecer vários projectos em marcha, e alertar para o incremento que a modalidade tem obtido nos últimos anos, sendo a mais activa na cena do desporto no Centro do País.

Entre 27 de Março e 2 de Junho realizam-se um total de 21 encontros internacionais, 20 em Coimbra e um na Figueira da Foz, sem ter ainda em conta os jogos referentes ao 3.º FIRC-82.



Para quem não saiba, Colin Smart é o da direita

Para Colin Smart «after shave» é bebida

Que o rugby é uma modalidade muito especial, todos sabemos; que alguns daqueles que o praticam também o são, não será novidade; que após os jogos, nas comemorações das vitórias, das derrotas ou dos empates, se usa e abusa do álcool, é certo. Mas que se use «after shave» para celebrar um triunfo, isso é que já não é muito normal.

O facto é que, muito recentemente, sucedeu. Colin Smart, pilar da selecção inglesa, na festa que se seguiu ao França-Inglaterra, já muito bem bebido, por certo, resolveu que se o «after shave» tem álcool então também é bebível. Vai daí emborcou um frasco daquele produto (não se sabe de que marca!) e quando acordou estava num hospital parisiense, com o estômago bem lavado...



Árbitro francês dirige palestra

A Comissão de Árbitros de Rugby de Coimbra promove, a 9 de Abril, uma palestra, dirigida pelo árbitro francês F. Flingou.

Como complemento o sr. Flingou dirigirá dois encontros da «V Taça Cerveja Sagres — Torneio Internacional de Rugby Junior».



O árbitro Nelson Silva, — na foto — do quadro da CNAR, sofreu um grave acidente quando, em representação do CR Barreiro defrontava o Benfica B. De facto, um problema na coluna paralisou-o, sendo, neste momento, difícil prognosticar a evolução do seu caso. «R-R» deseja-lhe um restabelecimento rápido

As provas britânicas aproximam-se do final

Os quartos de final da Taça de Inglaterra (John Player Cup) serão disputados pelo Liverpool, Gloucester, Gosforth, Harlequins, Moseley, Leicester, Sale e Coventry.

A única surpresa dos oitavos de final da prova — a única a nível de clubes, que se disputa naquele país — foi a derrota, e consequente afastamento, do Bristol. Perdeu, no seu próprio terreno, frente ao Liverpool, por 12-10. Mike Slemen, o ponta da selecção inglesa, deu contributo importante ao Liverpool, obtendo dois «drops», o último dos quais «virou» o resultado, obtido já no período de desconto de tempo.

Entretanto, as meias finais da Taça de Gales (Schwepper Cup) vão ser discutidas pelo Bridgend, Cardiff, Newbridge e Aberavon. Aqui, a surpresa dos quartos de final foi o afastamento do Pontypool (equipa de Jeff Squire e Graham Price) pelo Newbridge.

Na Escócia, finalmente, o Hawick tinha, a uma jornada do final do campeonato da primeira Liga, o triunfo praticamente garantido — o derradeiro jogo com o Watsonians, em «casa», disputou-se com esta edição da «R-R» já «fechada». Na penúltima ronda da prova, o Hawick (equipa de Jim Renwick) passou para o comando ao vencer o campeão, o Gala («quinze» de Irvine), por 12-10, no terreno deste.

Boavista F.C. na II Divisão

A modalidade atravessa no Boavista uma fase de grande entusiasmo. Coincidindo com o acto, o arrelvamento do campo de treinos do complexo desportivo do Bessa, vem permitir à secção daquele clube outras perspectivas. Deste modo, encara-se como praticamente definida a participação de uma equipa senior no «Nacional» secundário da próxima época.

Protocolo com Câmara do Porto

De molde a fazer face à inexistência de campos para a prática da modalidade, e numa altura em que na capital do Norte as camadas jovens se mostram sensibilizadas para a prática do jogo, o Comité Reginal do Rugby do Norte procura estabelecer com a Câmara Municipal do Porto as bases de um protocolo, versando a utilização de terrenos situados no Parque da Cidade, e que possam funcionar como dois rectângulos para a prática da modalidade.

Juvenis ingleses vencem em Lisboa



No período do Carnaval estive em Lisboa, com a formação de juniores, a equipa de juvenis inglesa do Merchant Taylors. Um empate e duas vitórias ficaram a assinalar a passagem dos jovens britânicos no nosso país. O primeiro adversário foi o Benfica, a quem bateram por 12-10, depois empataram a três pontos com um misto S. Miguel/Direito; finalmente, ganharam por 24-7 — jogo a que se refere a foto — a um outro misto constituído por jogadores do Cascais e do Belenenses.

Registe-se que as equipas portuguesas não contaram com os elementos envolvidos no estágio nacional que nessa altura decorria.

Geoff Wheel abandona selecção

O segunda linha galês Geoff Wheel anunciou a sua retirada da cena internacional, por razões «pessoais e familiares». O seu último jogo pelo País de Gales foi o disputado em Dublin, frente à Irlanda, a contar para a primeira jornada do Torneio das Cinco Nações.

Wheel, 32 vezes internacional, conta 30 anos e pensa continuar a jogar pelo seu clube, o Swansea.



O rugby no «mundial» de futebol

A anteceder o Campeonato do Mundo de Futebol que, como se sabe, terá lugar em Espanha, no início do próximo Verão, o FC Barcelona está a organizar uma semana desportiva internacional.

No que diz respeito ao rugby, aquele clube catalão, em colaboração com a Federação espanhola da modalidade, pensa organizar um torneio de alto nível em que participem as selecções nacionais da Escócia, França, Irlanda e, naturalmente, da Espanha.



por cá
RES-SALTOS
lá fora

França desloca-se à Argentina

A França fará, no início do Verão, uma pequena digressão à Argentina, de 5 a 26 de Junho. Os «tricolores» disputarão sete jogos, dois dos quais frente à selecção argentina, nos dias 12 e 26.

Equipas inglesas no Porto

Quatro equipas seniores inglesas e três juniores disputarão uma série de jogos no Porto, frente ao CDUP, no período de 27 de Março a 4 de Junho.

Os «universitários» portuenses defrontarão, a nível senior, sucessivamente o Kings College (27 de Março); Purley RFC (12 de Abril); o Whitney Buccaneers (15 de Abril); e o New Brighton RFC (4 de Junho).

No que respeita ao «quinze» junior o programa é o seguinte: Monmouth School (3 de Abril); Sevenoaks School (6 de Abril); e Purley RFC (12 de Abril).

John Williams também ganha no tribunal

John Williams, o antigo defesa da selecção do País de Gales,



Contra esta equipa ninguém daria faltas de comparência, é mais do que certo!

se bem que retirado da actividade, continua a ser notícia. Com efeito, em 1979, escreveu um livro autobiográfico e recebeu da venda dessa publicação cerca de 4500 contos. Com o acordo da Federação Galesa, doou essa quantia para a instalação, em Bridgend (Gales), de uma clínica para recuperação de lesionados desportivos, podendo assim manter a sua qualidade de amador e continuar a jogar.

O jornal londrino «Daily Telegraph», no entanto, escreveu, na altura, que tinha infringido a sua condição de amador e não poderia continuar ligado ao rugby.

O jogador pôs uma acção em tribunal contra aquele jornal, o seu director William Deedes e o especialista na modalidade John Reason.

A acção foi agora julgada e dada razão a JPR, tendo o jornal sido condenado a pagar, para lá das custas do processo, uma indemnização de cerca de 2500 contos.

John Williams, evidentemente satisfeito com o desfecho do caso, anunciou que esta verba irá reforçar a instalação da clínica desportiva.

mobiliário FORMA

mobiliário doméstico
cozinhas
artigos de decoração

LOJA FORMA

Av. Óscar Monteiro Torres, 58 A — LISBOA
Telef. 77 92 34 / 76 01 14

Centro Comercial Pão d'Açúcar — CASCAIS
Telef. 286 75 37

FÁBRICA

Messejana — Baixo Alentejo
Telef. 65116 — BEJA

Estamos todos nisto



Este mês de Março, e o que se lhe seque, é claramente marcado por intensa actividade internacional do Rugby português. Três equipas estarão empenhadas em mostrar não só a si mesmas, mas muito em especial às gentes do rugby e ao desporto cá da terra, o que valem e até onde podem ir.

É um momento de aferição do trabalho desenvolvido no âmbito dos clubes como a nível de selecção. É por isso tempo de medida de qualidade.

Sabemos bem que isto de, ao menos em certo momento, pôr o acento tónico na qualidade tem sido controverso. Há quem diga que a qualidade vem naturalmente da quantidade, e muitos dizem, com a mesma convicção, exactamente o contrário.

Por nós — e não é para parecer original — o que existe é uma espécie de dialéctica ou de «feed-back».

Qualidade gera quantidade que, por sua vez, abre portas à qualidade. Ambas são indispensáveis, e tanto assim que a simples falha ou diminuição de uma põe em perigo mortal a outra.

Acreditamos, pois, profunda e sinceramente, que da forma como actuarem as selecções portuguesas dependerá em muito o progresso e o desenvolvimento do Rugby português.

Quando dizemos forma não se entenda que nos ficamos por conceitos abstractos ou românticos que em tempos e noutra sede produziram a ridícula — ridícula em desporto — consolação do «ganhar moralmente». Significamos, muito pelo contrário, resultados, isto é, pontapés que passam, ensaios que se marcam. Que devem ser em número superior aos alcançados pelo adversário.

E se Coubertin disse que o que interessa é competir, diríamos que isto de querer ganhar é competição, e que isto de competição é o «tutano» do desporto.

As selecções trabalham e trabalham tão seriamente quanto as circunstâncias o permitem.

Os escolhidos têm mostrado o melhor espírito, a mais evidente dedicação.

Nem outra coisa, no fundo, seria de esperar de quem pratica este desporto porque quer e fá-lo com a alegria de quem está naquilo de que gosta.

Não é de esperar demais se dissermos que todos estaremos com as selecções em Inglaterra,

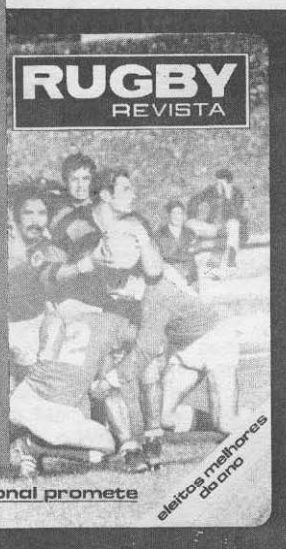
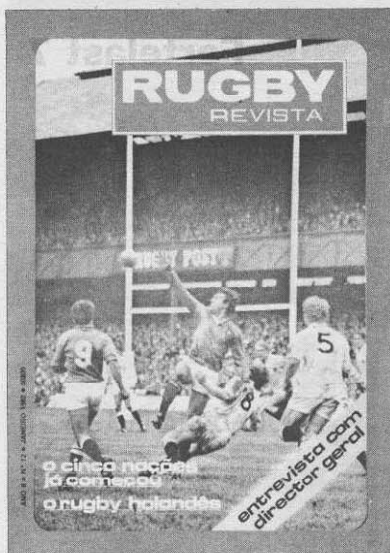


António Santos

como em Lisboa, na Holanda como na Polónia. Porque não é preciso muita inteligência para se perceber que os êxitos ou os inêxitos de alguns 15 são, no fim e ao cabo, os nossos próprios sucessos ou insucessos colectivos e um pouco, por pouco que seja, do nosso sucesso ou insucesso pessoal.

Afaste-se por uma vez e em definitivo o nacionalzinho barato de «guerra santa». Mas que fique sempre o entusiasmo e o apoio, a ousadia do nosso pequeno-grande, fanfarrão, franco e frontal espírito de corpo de «malta do Rugby».

A DIRECÇÃO DA FPR



Receba os números atrasados

Você, certamente porque estava menos atento, «perdeu» os números anteriores de «Rugby — Revista» e com certeza está interessado em possuir a colecção completa.

Para tal só tem que nos escrever e juntar (claro!) a importância respectiva (cheque ou vale postal). Depois, receberá as revistas que lhe faltam, pelo Correio, sem mais problemas, como sucede com os nossos assinantes. E, a propósito, porque é que não aproveita a ocasião e assina RUGBY — REVISTA?



Pedidos para:
Rugby-Revista
Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.
1000 LISBOA

(40 escudos por cada exemplar do nº 1 ao nº 8, e 50 do 9 em diante)



o número 15
é posto à venda
no dia
17 ABRIL

nos seguintes locais

LISBOA — Estádio Universitário / Havaneza das Avenidas (Av. Duque Ávila, 32) / Livraria Apolo Av. Júlio Dinis, 10-A) / Tab. Drugstore Apolo 70 (Av. Júlio Dinis, 10-A) / Paco (Praça de Londres) / Lacónia (Praça do Areeiro) / Barata (Av. de Roma, 11-A) / Café VáVá (Av. Estados Unidos da América) / Costa e Segurado — Centro Comercial Alvalade (Praça de Alvalade) / Café Monte Carlo (Av. Fontes Pereira de Melo, 49) / Mazi — Centro Comercial Imaviz (Av. Fontes Pereira de Melo) /

/ Singular — Edifício Europeia (Av. Fontes Pereira de Melo) / Livraria o Século (Rossio, 23) / Lusitânia (Rossio, 108) / Continental (Rua Augusta, 57) / Galerias Ritz (Rua Castilho, 77-E) / Livraria Castil — Edifício Castil (Rua Castilho) / Garagem Monumental (Av. Álvares Cabral, 33) / Compasso (Rua Saraiva de Carvalho, 268-C) / Desportista (Av. Rovisco Pais, 14).

COMITÉS REGIONAIS e nos outros locais habituais.

Torneio de Preston: teste difícil para os juniores

A selecção nacional de juniores, como foi noticiado oportunamente, participa de 2 a 4 de Abril, em Inglaterra, no «Preston Grasshoppers All-England Rugby Festival-1982» prova que reunirá 32 equipas, entre as quais se contam também as representativas do Japão e da Holanda.

Como é do conhecimento público, a FPR optou por fazer deslocar o «quinze» nacional da categoria a esta competição, desistindo do Torneio da FIRA, por entender que essa prova se apresenta de pouco interesse, em termos competitivos, para os nossos jovens rugbistas.

O torneio de Preston será jogado em três dias consecutivos, disputando-se os jogos (três por dia) somente em 30 minutos — 15 em cada parte, com três minutos de intervalo.

As 32 formações participantes foram divididas por oito séries, de quatro equipas cada. No primeiro dia jogarão todos contra todos, estabelecendo-se uma classificação.

No segundo dia, os dois primeiros de cada série (16, portanto) serão de novo agrupados em grupos de quatro. Os primeiros de cada uma dessas novas séries prosseguirão para as meias finais da prova.

Os dois últimos da primeira jornada são agrupados numa competição «de consolidação» e aos não apurados do segundo dia sucederá o mesmo, disputando também uma prova «paralela», em grupos de quatro, de forma a estabelecer uma classificação, imediatamente seguinte àqueles que se encontrarão na disputa dos quatro lugares de honra.

O último dia será ocupado com as meias finais e finais da competição propriamente dita e da outra «de consolidação».

Apesar de os jogos terem somente a duração de 30 minutos é facilmente perceptível que este Torneio de Preston se apresenta algo «violento», sob o ponto de vista de exigências físicas.

Acresce que, devido à sua curta duração, há que jogar com muita cabeça, pois qualquer distração poderá ser «fatal». O tempo é, de facto, pouco para corrigir desvantagens cedidas prematuramente.

A grande interrogação que se coloca, em relação à participação portuguesa é se os jogadores da selecção nacional se adaptarão a um ritmo diferente de competição e às exigências, em termos físicos, da prova.

Pensa-se que na primeira fase Portugal não terá muitas dificuldades — frise-se, pensa-se — em conseguir o apuramento.



António Santos

A maior interrogação que se coloca em relação ao Torneio de Preston, é saber-se se estes jovens se adaptarão ao ritmo da prova

MERCHANT TAYLORS JÁ É CONHECIDO

De facto, o grupo da equipa nacional (o 5.º) é constituído pelo já conhecido Merchant Taylors, pelo Regate Grammar School e pelo Kings Macclesfield.

Segundo informações disponíveis, estas duas últimas formações são de nível idêntico ao Merchant Taylors, equipa que esteve recentemente em Portugal e que defrontou precisamente três «quinzes» formados entre os jogadores portugueses seleccionados. Essas equipas nacionais bateram o seu adversário, por 4-3, 10-7 e 10-6, marcando cinco ensaios e sofrendo apenas um.

Portanto, à partida, até porque os seleccionados portugueses se mostraram, mais do que os resultados possam deixar transparecer, de valor superior ao seu adversário, e tendo em conta que os outros dois concorrentes serão de nível semelhante, abrem-se boas perspectivas para, pelo menos, passar à segunda fase da prova. Consigam os juniores portugueses encontrar a forma ideal de jogar, em encontros com as características especiais do Torneio de Preston.

Refira-se, a título de curiosidade, a composição dos oito grupos iniciais: 1 — Japão, Huton GS, St Benedicts Ealing e Leeds GS; 2 — Arnold, De la Salle, Plymouth College e Silcoates; 3 — West Park GS, Stockport GS, Edinburgh Academy, e Bradford GS; 4 — Cowley, Kirkham GS, Woolverstone Hall e Sale County GS; 5 — Portugal, Merchant Taylors, Reigate GS e

Kings Macclesfield; 6 — Conestoga Senior High School, Lancaster Royal GS, Tiffin School e Hymers College; 7 — Magee High School, King Edward Lytham, Richard Hale GS e Kings Tynemouth; 8 — Holanda, Cardinal Allen, George Watsons e Ashville Harrogate.

Nesta lista pode-se constatar haver, para lá do Merchant Taylors, outras duas equipas de escolas conhecidas em Portugal. Trata-se do Leeds Grammar School e do Kirkham Grammar School, que inclusivamente esteve para vir ao nosso país no período em que veio o Merchant Taylors.

A HOLANDA E ROSSLYN PARK A SEGUIR

Terminada a participação no Torneio organizado pelo Preston Grasshoppers RFC, a selecção nacional, logo no dia imediato, isto é, a 5 de Abril, defrontará, em princípio, também em Preston, a Holanda, partida essa que será a primeira entre os dois países, a este nível.

Posteriormente, a 7, em Londres, a selecção nacional medirá forças com o «quinze» júnior do Rossllyn Park, um dos grandes clubes ingleses.

Estes dois jogos, de indiscutível interesse, poderão, no entanto, ser afectados pelo esforço dos dias anteriores. Se contra a Holanda, cuja equipa se julga estar ao alcance da selecção nacional, o problema se põe de forma menos acentuada — até porque os holandeses também participaram no torneio — já no encontro com o Rossllyn Park as coisas se poderão complicar.



octogono

MOBILIÁRIO
COZINHAS

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927



Os 32 juniores pré-seleccionados

	Lugar	Clube	Altura	Peso
António Carapuço	Pilar	Agronomia	1,80	90
J.P. Ferreira	Pilar	CDUL	1,81	89
José Chichorro	Pilar	Belenenses	1,80	108
Rocheta	Talonnador	Belenenses	1,75	82
Brálio Oliveira	Talonnador	Agronomia	1,76	83
J. Rebelo Andrade	2.ª Linha	Agronomia	1,84	88
J.G. Jerónimo	2.ª Linha	S. Miguel	1,85	75
Nuno Paixão	2.ª Linha	S. Miguel	1,82	80
L. Oliveira	2.ª Linha	Benfica	1,80	89
José Macedo	Flanker	Direito	1,74	82
Paulo Costa	Flanker	Técnico	1,80	77
Sepúlveda	Flanker	Belenenses	1,75	86
F. Sampaio	Flanker	Cascais	1,80	72
Pedro Ferreira - cap.	N.º 8	Direito	1,81	83
F. Roquete	N.º 8	Direito	1,81	82
H. Rocha	Formação	CDUP	1,70	68
J. Miranda	Formação	Belenenses	1,66	60
M. Amorim	Formação	S. Miguel	1,65	63
João Queimado	Abertura	Benfica	1,71	71
A. Jalles	Abertura	CDUL	1,79	70
J.P. Araújo	Abertura	Direito	1,76	68
José Galvão	Centro	Lousã	1,78	77
Vieira de Almeida	Centro	Belenenses	1,78	72
Cima Gomes	Centro	S. Miguel	1,63	63
Nuno Ferreira	Centro	Agronomia	1,74	64
Pedro Caeiro	Centro	Cascais	1,77	72
Pedro Cortes	Ponta	CDUL	1,76	65
D. Borges	Ponta	Benfica	1,73	70
J. Cassiano	Ponta	Direito	1,75	81
Ressano Garcia	Ponta	S. Miguel	1,70	72
J. Lupi Bello	Defesa	CDUL	1,70	65
R. Castro Pereira	Defesa	Cascais	1,82	82

João Paulo Bessa

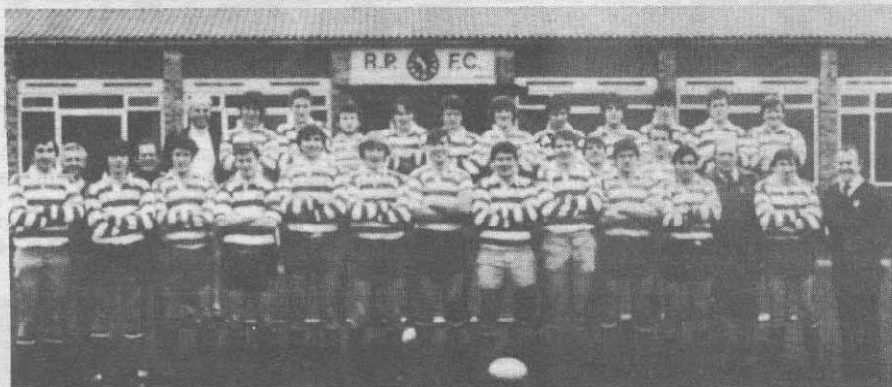
Porque é q

«Sou optimista por natureza, porque é que agora não deveria estar?» — são palavras de João Paulo Bessa responsável pela selecção nacional de juniores, em relação à participação do «quinze» português da categoria no Torneio de Preston e, posteriormente, em mais dois jogos, um deles de características internacionais.

«Neste caso até nem é difícil ser-se optimista — adiantou — primeiro porque acredito no trabalho que se está a realizar e, depois, porque acredito nos jogadores. Quando se tem uma equipa constituída por elementos com possibilidade de uma futura carreira internacional (caso eles queiram) as coisas apresentam-se mais fáceis».

«Quanto a objectivos — prosseguiu — os gerais são produzir futuros internacionais seniores, ou melhor criar condições para que eles apareçam; no particular, e dentro deste conceito, há que dar rodagem a estes jogadores, que já vêm dos juvenis, rodagem essa que prosseguirá até atingirem os seniores. Esta digressão a Inglaterra insere-se dentro da necessidade de comparação a nível internacional, como se sabe muito diferente da nacional».

«Um torneio como este em que vamos participar — referiu João Paulo Bessa — faz com que os jogadores quando regressam sejam diferentes, espero que para melhor. Um torneio deste tipo, com efeito, de que não



Esta a equipa de «colts» do Rosslyn Park, o último e, talvez, mais difícil adversário. Entre os seus jogadores contam-se «só» oito internacionais ingleses da categoria

Os juniores também estiveram nas Ações Profissionais

e não deveria estar optimista?



António Santos

temos muita prática, obriga-os (nos pelos pelo menos oito jogos que disputarão) a enfrentar problemas distintos num espaço de tempo muito curto. Isto proporciona uma experiência muito grande e uma capacidade de reação superior.

«Por outro lado — acentuou — devido à curta duração dos jogos, os jogadores são obrigados a pensar numa forma diferente de actuar — o pontapé de 22, por exemplo, terá de ser jogado de forma diversa do habitual; o mesmo se passa em relação ao pontapé livre; é fundamental não falhar penalidades, quando chutadas aos postes; a bola deverá circular o mais possível, etc, etc. A continuidade do jogo, de facto, é muito mais importante que numa partida com os normais 80 minutos. Não há tempos mortos, o que exige condição física exemplar e uma atitude perante o jogo muito especial — tudo tem de ser rápido, pois só há 30 minutos para resolver a questão».

«É claro que se nos levantam uma série de problemas — referiu — pois os jogadores vêm de um campeonato muito pouco competitivo, onde o erro não tem consequências especiais. Isso contribui para uma atitude de pouco rigor. Num torneio como este de Preston, não haverá tempo para emendar erros, que a serem cometidos se pagarão caros. Por outro lado, nota-se certa falta de conhecimento dos princípios de base do jogo por parte dos juniores portugueses — e

mesmo, até, mais longe que isso! Tal também contribui para a tal falta de rigor, com o mesmo tipo de consequências. Daí que o trabalho desenvolvido e a desenvolver se faça no sentido de tentar colmatar estas falhas, aumentando o nível competitivo da equipa».

«Quanto a perspectivas — continuou — o maior problema está na adaptação ao tal ritmo dos 30 minutos, que pensamos, é mais mental que físico. A «chave» do torneio está nos dois primeiros jogos. Se as coisas correrem bem...

«O meu optimismo é também um pouco «calculado». Na realidade, tirando as outras duas selecções nacionais participantes (Holanda e Japão) os restantes «quinzes», tanto quanto sabemos, andarão pelo nível dos Merchant Taylors, conjunto que também participa na prova (e no nosso grupo) a quem recentemente três equipas portuguesas ganharam, outras tantas vezes marcando, no total cinco ensaios e sofrendo um.»

«Quando ao jogo com a Holanda — disse a finalizar — sabemos apenas que se é de uma equipa bem enquadrada e que deverá estar bem preparada. Teoricamente penso que o seu rugby é acessível, isto, até, em todas as categorias. Já no que diz respeito ao encontro com o Rosslyn Park as coisas apresentam-se de maneira diferente. Trata-se de uma equipa de um dos maiores clubes ingleses, com todo o peso que isso tem, possuindo excelentes técnicos. Ainda por cima vamos defrontá-la no final da digressão. Aquilo que o jogo der está muito dependente da capacidade física dos jogadores nessa altura».



Na foto, uma fase de um treino, dirigido pelo técnico António Borges

Apenas 10 vitórias

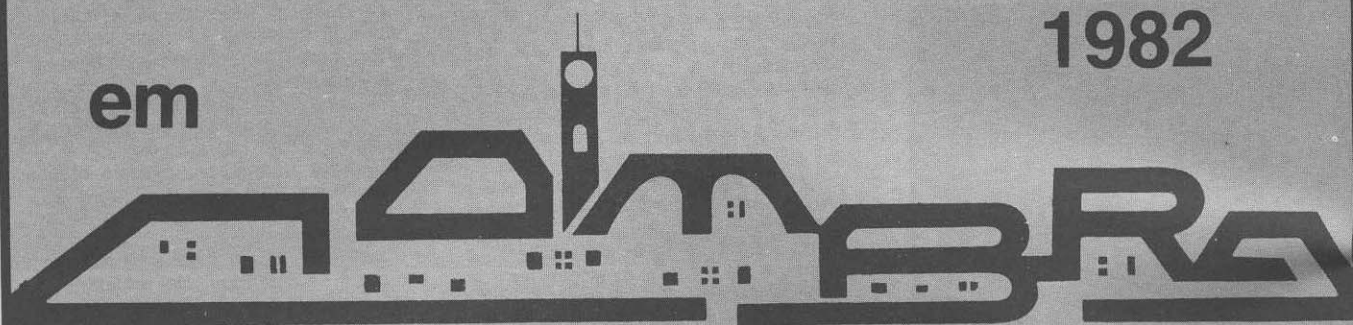
27.3.1966	Portugal-Espanha	— 3- 0	Madrid
26.3.1967	Portugal-Espanha	— 13- 8	Lisboa
2.4.1969	Portugal-Roménia	— 0-14	Barcelona
4.4.1969	Portugal-Espanha	— 3- 6	Barcelona
6.4.1969	Portugal-Espanha (B)	— 11- 6	Barcelona
25.3.1970	Portugal-França	— 8-56	Vichy
27.3.1970	Portugal-R.F.A.	— 3-16	Vichy
29.3.1970	Portugal-Checoslováquia	— 0-22	Vichy
14.4.1976	Portugal-Polónia	— 42- 0	Albi
18.4.1976	Portugal-Jugoslávia	— 50- 6	Rabastens
6.4.1977	Portugal-Espanha	— 8- 7	Hilversum
8.4.1977	Portugal-Itália	— 0-32	Hilversum
10.4.1977	Portugal-URSS	— 18-14	Hilversum
22.3.1978	Portugal-Marrocos	— 4- 0	Regio Emilia
24.3.1978	Portugal-França	— 0-78	Regio Emilia
26.3.1978	Portugal-URSS	— 0-38	Parma
4.2.1979	Portugal-Espanha	— 0-30	Madrid
11.4.1979	Portugal-Espanha	— 3 43	Lisboa
13.4.1979	Portugal-Roménia	— 0-22	Lisboa
15.4.1979	Portugal-Marrocos	— 4- 8	Lisboa
24.2.1980	Portugal-Espanha	— 6-49	Lisboa
2.4.1980	Portugal-URSS	— 0-52	Tunes
4.4.1980	Portugal-Romenia	— 10-20	Tunes
6.4.1980	Portugal-RFA	— 11- 7	Tunes
15.4.1981	Portugal-Itália	— 0-75	Madrid
17.4.1981	Portugal-Marrocos	— 10- 6	Madrid
19.4.1981	Portugal-URSS	— 0-12	Madrid

Em resumo: 27 jogos, 10 vitórias, 17 derrotas; 207 pontos marcados e 627 sofridos

Rugby Internacional

1982

em



29 MARÇO — 17.00 Horas — Estádio Universitário de Coimbra —
— Rugby Senior (U. 23)

ACADÉMICA x KING'S COLLEGE (Inglaterra)

30 MARÇO — 17.00 Horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Junior

ACADÉMICA x MONMOUTH SCHOOL (Pais de Gales)

1 ABRIL — 17.00 Horas — Estádio Universitario de Coimbra
— Rugby Junior

R.C. LOUSÁ x MONMOUTH SCHOOL (Pais de Gales)

5 ABRIL — 17.00 Horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Junior

ACADÉMICA x DONCASTER SCHOOL (Inglaterra)

7 ABRIL — 17.30 Horas — Estádio Municipal da Figueira da Foz
— Rugby Junior

SEVENOAKS SCHOOL x DONCASTER SCHOOL
(Inglaterra)

8 ABRIL — V. TAÇA CERVEJA SAGRES (Torneio Internacional de Rugby Junior) Estádio Universitário de Coimbra — 1.ª Jornada

16.10 horas — ACADÉMICA x LICEU DE SARCELLES (França)

17.45 horas — R.C. LOUSÁ x DONCASTER SCHOOL (Inglaterra)

8 ABRIL — 15.00 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Juvenil

S.L. BENFICA x LICEU DE SARCELLES

10 ABRIL — V. TAÇA CERVEJA SAGRES
Estádio Universitário de Coimbra — 2.ª Jornada

16.10 horas — Apuramento 3.º e 4.º lugares (equipas vencidas)

17.45 horas — FINAL

10 ABRIL — 15.00 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Juvenil

MISTO DO CENTRO x LICEU DE SARCELLES

12 ABRIL — 18.00 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

MISTO REGIONAL x WHITNEY BUCCANEERS (Inglaterra)

14 ABRIL — 15.15 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Junior

ACADÉMICA x PURLEY R.F.C. (Inglaterra)
— 17.00 — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

MISTO DO CENTRO x PURLEY R.F.C.

— 18.40 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

ACADÉMICA x WHITNEY BUCCANEERS

16 ABRIL — 17 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Junior

MISTO DO CENTRO x PURLEY R.F.C.

— 18.30 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

ACADÉMICA x PURLEY R.F.C.

17 ABRIL — 18.30 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

R.C. LOUSÁ x PURLEY R.F.C.

28 MAIO — 21.00 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

ACADÉMICA x BLACKHEATH R.F.C. (Inglaterra)

30 MAIO — 18.00 horas — Estádio Universitário de Coimbra
— Rugby Senior

XV DO PRESIDENTE CRRC x BLACKHEATH R.F.C.
(Inglaterra)

2 JUNHO — 19.00 horas — Estádio Universitario de Coimbra
— Rugby Senior

ACADÉMICA x NEW BRIGHTON R.F.C. (Inglaterra)

4-5-6 JUNHO — 3.º F.I.R.C. — (Festival Internacional de Rugby de Coimbra) Estádio Universitário de Coimbra

Dia 5 às 16.00 horas — 3.º SAGRES SEVENS
Dias 4, 5, 6 — 3.º TORNEIO DE VETERANOS

Apoios:

Comissão Municipal de Turismo de Coimbra

SAGRES
a cerveja



Segundo o seu responsável a selecção de juvenis é uma equipa de ataque. Na foto — que se refere ao jogo com o Cornwall — tal é documentado exuberantemente

Juvenis em Twickenham: marcar é objectivo

A selecção nacional de juvenis vai defrontar, no dia 24 de Março a sua congénere inglesa, no estádio de Twickenham, pela quinta vez. E se há um ano o objectivo era marcar pontos agora é voltar a fazê-lo, mas provenientes da obtenção de ensaios.

Esta é a terceira deslocação da representação nacional da categoria à «catedral do rugby», desde 1978, o ano da estreia. É lógico que ninguém espera que os juvenis portugueses vão a Inglaterra ganhar, nem sequer que alimentem essa ambição. A diferença de possibilidades, com efeito de um rugby para o outro é muito grande e, obviamente, o objectivo terá sempre de ser o jogar o melhor possível e tentar alcançar um resultado interessante.

Não vir «em branco», isto é, marcar pontos (ensaios de preferência), será sempre, e este ano mais que nunca, o ponto principal a alcançar.

Repare-se que as duas equipas representam «rugbys» com capacidades completamente diversas. De um lado, a selecção escolar inglesa escolhida entre jovens de 1821 escolas (as que se encontram fili-

adas na RFSU) o que, se se multiplicar por 60 jogadores em média, dá o bonito número de cerca de um milhão (!) de jogadores. Isto comparado com o carca de milhar de jovens portugueses que actuam nesta categoria, dá, imediatamente, uma ideia da diferença de possibilidades de uma e outra equipa.

EQUIPA SEMELHANTE ÀS DE ANOS ANTERIORES

Este contacto anual entre as duas federações afigura-se do máximo interesse para Portugal. Pese embora todo o «paternalismo» dos ingleses, o rugby português só tem a ganhar com estes confrontos. E, repare-se que para lá das grandes potências mundiais do rugby pouca gente tem a «honra» de pisar o relvado de Twickenham, defrontando uma selecção da Inglaterra. Com efeito, nenhuma equipa de qualquer país europeu ali jogou alguma vez, nem as da Roménia, da Itália, ou da Espanha. Mesmo a Holanda, que mantém com a RFSU o mesmo tipo de contactos, ainda o ano passado, por exemplo, jogou no campo de Blackheath, também nos su-

búrbios de Londres. Responsabilidades redobradas, portanto, para os jovens portugueses que, dia 24, subirem ao talvez mais célebre campo de rugby do Mundo.

A equipa portuguesa, por aquilo que mostrou recentemente, em confrontos com a selecção escolar do Condado de Cornwall, pareceu a nível semelhante às formações de anos anteriores, excepção à de 1981, talvez, globalmente, a mais forte, desde que, em 1978, se iniciaram estes jogos anuais com a Inglaterra.

Nos primeiros e terceiros jogos da série que disputaram com aquela equipa inglesa, os jovens, então em estágio, principalmente no último dia, deram algumas boas indicações quanto às suas possibilidades. Tratava-se da denominada selecção «A» de Lisboa e, para surpresa de muita gente um pouco fora dos problemas do rugby neste escalão, essa equipa revelou-se muitos «furos» acima da que, dois dias antes, com o rótulo de selecção nacional, havia perdido de forma clara, com os ingleses. E diga-se, mais que a derrota a pouca clarividência, deficiências de toda a ordem e em todos os sectores patenteados por esse «quinze» nacional fizeram, na altura, com que se temesse seriamente pelo futuro dos contactos com a Inglaterra, se fosse aquela equipa a jogar em Twickenham.

No entanto, no tal terceiro encontro, as coisas foram postas nos seus lugares pela selecção lisboeta, muito mais adulta a jogar, sabendo «estar» dentro de campo. Afinal, pareceu, tratou-se somente de uma questão de nomes: a selecção nacional portuguesa será em princípio, a de Lisboa; a que rotulada de «nacional» defrontou o Cornwall, tratava-se de uma combinação possível dos lisboetas com jovens oriundos de outros comités regionais.

Oito jogos e uma vitória

15.5.1977	Portugal-Espanha	— 7-13	Lisboa
1.3.1978	Portugal-Inglaterra	— 0-42	Twickenham
22.3.1978	Portugal-Espanha	— 3-14	Lisboa
18.3.1979	Portugal-Espanha	— 7-26	Madrid
25.4.1979	Portugal-Inglaterra	— 0-60	Coimbra
24.2.1980	Portugal-Espanha	— 13- 9	Lisboa
19.3.1980	Portugal-Inglaterra	— 0-31	Twickenham
11.4.1981	Portugal-Inglaterra	— 3-39	Lisboa

Em resumo: oito jogos, uma vitória, sete derrotas; 33 pontos marcados e 234 sofridos.

selecções • selecções • selecções

Este «pormenor» levanta outro tipo de problemas que, noutra altura, aqui se tratarão. No imediato interessa constatar que apesar de longe do brilhantismo, as indicações dadas por essa equipa, que com uma ou outra alteração representará o rugby juvenil português em Inglaterra, apontam no sentido de que a representação de Portugal nesta deslocação estará ao nível dos outros anos. Nem melhor nem pior.

No dia 24, porém se saberá do seu comportamento e se o tal objectivo (marcar ensaios) que nunca aconteceu nos quatro confrontos anteriores será alcançado ou não.

Pode adiantar-se, entretanto, que a equipa inglesa, relativamente aquela que há um ano jogou em Lisboa, se apresentava mais forte nos avançados, dispondo de uma boa primeira linha e de um N.º 8 de grande categoria, e com peso total maior que em 81.

Os médios estão ao nível dos de há um ano, sendo, no entanto, o abertura um excelente chutador. As linhas atrasadas têm menos velocidade e são inferiores.

Globalmente poderá adiantar-se que a equipa será talvez um pouco superior à do ano anterior, tendo o seu ponto forte, ao contrário da sua antecessora, no «pack».

RFSU ESTÁ DIVIDIDA EM OITO ÁREAS

Portugal irá defrontar a selecção escolar inglesa, «under 16», representante da Rugby Football School's Union, o órgão da RFU que se ocupa da modalidade a nível inferior ao escalão senior. A RFSU mantém duas equipas nacionais, a que a selecção nacional irá defrontar e a «under 19».

Em termos geográficos a RFSU está dividida em oito zonas: Área 1 — Nordeste que engloba os condados de Northumberland, Durham e Yorkshire, com 288 escolas filiadas; Área 2 — Noroeste, que inclui Cumbria, Lancashire e Cheshire, com 208 escolas; Área 3 — Oeste Midlands — condados de Strathfordshire, North Midlands e Warwickshire, com 179 escolas; Área 4 — Este Midlands — condados de Nottinghamshire, Lincolnshire, Derbyshire, Leicestershire, East Midlands, com 191 escolas; Área 5 — Sudeste — condados de Eastern Counties, Middlesex, Kent e Surrey, com 396 escolas; Área 6 — Midlands — condados de Hertfordshire, Buckinghamshire Oxfordshire e Berkshire, com 195 escolas; Área 7 — Sudoeste — Gloucestershire, Somerset, Devon e Cornwall, com 172 escolas; e Área 8 — Dorset, Wiltshire, Hampshire e Sussex, com 192 escolas.

Para escolha da selecção de Inglaterra as diversas Áreas disputam jogos entre si, normalmente na segunda quinzena de Dezembro, acasalados da forma seguinte: Área 1 contra a 2; 3 contra a 4; 5 contra a 6; e 7 contra a 8. Daqui são escolhidos os jogadores para o «final trial», que tem lugar, normalmente, em Fevereiro.

Esta época a selecção inglesa, para lá da partida com Portugal, somente disputará mais um jogo, frente a Gales, em Cardiff, no dia 31 de março. O habitual confronto com a Holanda não se disputou, nem se disputará esta temporada, pois os holandeses não constituíram equipa de juvenis. A título de curiosidade pode adiantar-se que a selecção do Grupo «Under 19» joga este ano com a Escócia, França e Gales, nos dias 7, 10 e 21 de Abril, em Vale of Lune, Poitiers e Bristol.

Registe-se ainda que, no ano passado, para lá das vitórias por 33-0 e 39-3 sobre as equipas de Lisboa e de Portugal, respectivamente, a Inglaterra perdeu com o País de Gales por 14-10, e bateu a Holanda, por 68-0.

A anteceder o jogo com a Inglaterra a equipa nacional defrontará a selecção da Área 8, no dia 22, em Winchester e, muito possivelmente, fará, ainda, um terceiro encontro, a 26 com uma equipa de condado, na capital britânica.



Importador exclusivo para Portugal



1293 LISBOA CODEX

4480 VILA DO CONDE

7100 ESTREMOZ

7050 MONTEMOR-O-NOVO

2000 SANTARÉM

3140 MONTEMOR-O-VELHO

ESCRITÓRIOS: AV. D. CARLOS I, 42-7.º
TELEF.: 607017 - 607018 - 607019

AV. BENÇO FREITAS, 121 - TELEF.: 64955

STAND, ARMAZÉNS E OFICINAS:
RUA GENERAL NORTON DE MATOS, 4 - TEL.: 22376

STAND: RUA DO POÇO DO PAÇO - TELEF.: 82394

STAND: VALE DE SANTARÉM - TELEF.: 76138
(JUNTO À ESTAÇÃO C. F.)

RUA POETA JORGE MONTEMOR - TEL.: 68217


octogono

**MOBILIÁRIO
COZINHAS**

av. visconde valmor, 2 - lisboa

telef. 776927

José Cordovil

Esta equipa pode marcar ensaios

«É evidente que de ano para ano existe a preocupação de melhorarmos em termos de resultado, mas pensamos que o mais importante é demonstrar os aspectos positivos conseguidos dentro da categoria», disse à «R-R» o professor José Cordovil, responsável pela selecção nacional de juvenis a propósito do Inglaterra-Portugal.

«Esta equipa — referiu — é bem dotada sob o ponto de vista técnico, particularmente nas linhas atrasadas, acima mesmo do habitual para o nosso meio. Existe, no entanto, menos poder e um menor número de jogadores que actuem normalmente nos juniores — na formação que jogou em Twickenham há dois anos, só um avançado, por exemplo, não alinhava nos juniores. É precisamente no «pack» que reside a maior diferença para as duas anteriores equipas — menos experiência e menor peso».

«Considero perfeitamente normal — continuou José Cordovil — que esta equipa perca por diferença idêntica às registadas anteriormente, até um pouco mais dilatada. Mas acredito que ela poderá marcar ensaios, devido fundamentalmente às suas características ofensivas. Mesmo com poucas bolas, penso que tal é perfeitamente possível.»

«Penso — acrescentou — que o objectivo fundamental desta desloca-



ção é completar, ou contribuir para isso, a formação dos jogadores teoricamente de melhor qualidade deste escalão. Proporcionar-lhes contactos com outros jovens da mesma idade mas de nível superior. No fundo, este tipo de deslocações e contactos constituem uma etapa.

«A equipa tem variado de ano para ano — referiu — e um possível pior

resultado que os obtidos nas duas últimas épocas não significa nada. Depende de inúmeros factores, e, até, do próprio adversário que também varia a sua capacidade.»

«Quanto ao trabalho desenvolvido — disse — ele foi o possível, não o desejável. Teve muitas limitações, particularmente antes de se chegar ao grupo nacional. Considero insuficiente o trabalho que se está a realizar a nível regional, principalmente fora de Lisboa. E isso tem reflexos.»

«Penso — adiantou José Cordovil — que nas zonas onde se desenvolvia certo trabalho a nível juvenil tem havido desvios. De facto, os responsáveis pelos mais jovens têm vindo a acompanhar as suas equipas, subindo com elas escalão a escalão, e deixam um pouco de lado os mais jovens que vão aparecendo. Até certo ponto, é uma atitude natural e compreensível mas o que acontece é que esses jogadores ou não têm, ou têm uma deficiente iniciação. Acresce, ainda, que há núcleos — até certa altura centros com grande força — que se encontram desapeados, e isso reflecte-se a todos os níveis.»

«Senti esse problema com alguma intensidade este ano — adiantou ainda — pois, muito mais que anteriormente apercebi-me de um «fosso» enorme entre os jogadores de Lisboa e os de fora.

Os pré-seleccionados

	Lugar	Clube	Altura	Peso
Mário Cabrita	Pilar	Benfica	1,80	80
José Quinteiro	Pilar	Académica	1,73	76
Artur Freitas	Pilar	Cascais	1,77	90
N. Corte Real	Pilar	Belenenses	1,74	74
J.P. Mendonça	Talonador	CDUL	1,72	67
João Lobo	Talonador	Benfica	1,63	70
Ortigão Ramos	2.ª Linha	CDUL	1,82	75
Fezas Vital	2.ª Linha	Belenenses	1,85	76
Tiago Cortes	2.ª Linha	CDUL	1,86	76
António Seves	Flanker	Direito	1,80	74
Luis Afonso	Flanker	Académica	1,71	68
Francisco L.Bello - cap.	Flanker	CDUL	1,75	72
Rui Forte	N.º 8	CDUL	1,75	75
João Ávila	N.º 8	Cascais	1,80	70
Simão Luz	Formação	CDUL	1,73	68
Nuno Lino	Formação	Agronomia	1,65	60
Ricardo Midões	Abertura	Benfica	1,64	58
Francisco Nóbrega	Abertura	Cascais	1,72	70
José Sequeira	Centro	Agronomia	1,70	69
Teotónio Pereira	Centro	S. Miguel	1,72	65
M. Albuquerque	Centro	CDUL	1,72	72
Paulo Brito	Ponta	CDUL	1,82	70
António Fino	Ponta	St.ª Luzia	1,73	70
Paulo Jordão	Ponta	Benfica	1,63	60
Carlos Fernandes	Ponta	Académica	1,78	75
Pedro Neiva	Defesa	CDUL	1,80	70
Paulo Pires	Defesa	Belenenses	1,71	60



A selecção nacional que defrontou o Cornwall perdeu por 18-0 — na imagem um dos ensaios ingleses. Nos outros jogos Lisboa A ganhou, por 6-4, e a equipa B, por 12-3

assine

RUGBY REVISTA

assine

RUGBY REVISTA

assine

«Jogar a...» de novo sem espaço

Como já se vai tornando um hábito, por dificuldades de espaço, não pudemos incluir nesta edição de «Rugby-Revista» a rubrica «Jogar a...».

Em princípio, ela voltará em Abril, isto (se o número de páginas chegarem, pois de tudo aquilo que pretendemos «meter» neste espaço, que se vai tornando cada vez mais «curto», alguma coisa terá de ficar de fora. Temos optado por o fazer em relação a «Jogar a...» devido ao seu carácter intemporal, isto é, não perder actualidade, se passado de um mês para o outro.

O décimo e último «Jogar a...», que tratará dos requisitos, formas de treino, etc., do Defesa deverá, portanto, publicar-se somente em Abril.

3.º TORNEIO INTERNACIONAL SAGRES SEVENS



COIMBRA
5 de Junho 1982

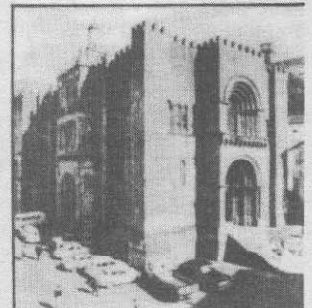
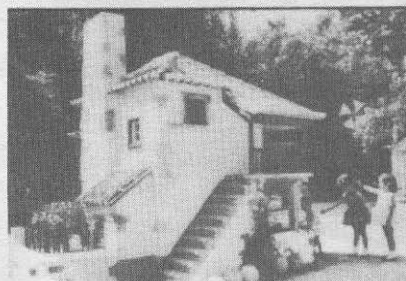
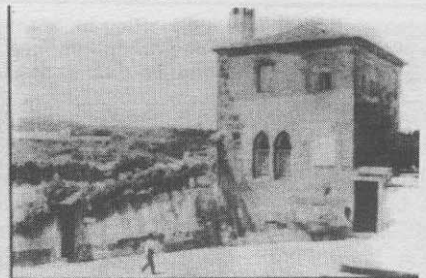
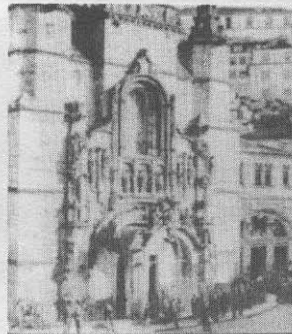
3.º TORNEIO DE VETERANOS



COIMBRA
4 a 6 de Junho 1982

COIMBRA

2.000 ANOS DE HISTÓRIA



INFORMAÇÕES: organização dos torneios

FIRC 82
Bairro Sousa Pinto, 17
3 000 Coimbra Portugal

turísticas

Posto de Turismo de Coimbra
Largo da Portagem
3 000 Coimbra Portugal
Tels. 2 38 86 - 2 55 76 - 2 37 99

A optimização do jogo dos flankadores

CARWYN JAMES

O conjunto dos flankadores (ou asas) com o N.º 8 forma o grupo dos aristocratas do jogo moderno. Constituindo embora um trio, não há, no entanto, um consenso geral, segundo me parece, acerca do modo como cada um deles deve concorrer para completar o jogo dos outros dois.

Pessoalmente, perfilho ainda o antigo conceito do «asa do lado fechado» (grande mas mais lento) e do «asa do lado aberto» (o rápido e impetuoso jogador que é sempre o primeiro a chegar ao local onde se está desenrolando a acção).

Depois do último jogo dos All Blacks com a França, no Parque dos Príncipes, o capitão neozelandês, Graham Mourie opinou, com toda a ênfase, que, embora o trio francês em causa fosse dotado de grande capacidade física, lhe tinha faltado um estratégia rápida e omnipresente. Por outras palavras, Mourie queria dizer que faltara aos «tricolores» um Jean-Pierre Rives.

Por sua vez, Rives afirmou que fora muito feliz por ter jogado algumas épocas ao lado de Skreia e Bastiat. Cada um conhecia perfeitamente a sua função e, deste modo, a ele Rives era-lhe permitido jogar de maneira mais livre nas situações estáticas e, conseqüentemente, aparecer completa e decididamente envolvido nas situações de transição de jogo fechado-aberto.

Suponho que alguém no jogo moderno terá sofrido mais golpes, contusões e fracturas que Rives, que é sempre o primeiro a chegar ao local onde qualquer movimento de jogo foi sustido, aparecendo tão frequentemente no fundo dos «rucks» como a apoiar a sua linha de três quartos, em todos os pontos da cadeia de passes.

Skreia praticava um tipo de jogo mais próximo dos avançados, mais apertado, sempre com o olho no lado fechado das formações e, na «touche», protegia e cobria o saltador do meio do alinhamento, na posição número quatro e Bastiat a número seis.

Nas Ilhas Britânicas, nos últimos anos, a tendência tem sido de jogar com um «asa» esquerdo e um «asa» direito, escolhendo para o efeito dois jogadores semelhantes, de rápido arranque para o jogo aberto. Se esta minha interpretação está correcta, quero afirmar que temos descurado a acção dos flankadores (asas).

É interessante recordar que nas digressões dos anos 70, os British Lions fizeram alinhar um asa «grande», frequentemente baseado no jogo do N.º 8, no lado fechado. Em 71, por exemplo, Peter Dixon e Derek Quinell desempenharam essa função extremamente bem, suplementando o árduo trabalho de Mervyn Davies (o moderno N.º 8), enquanto John Taylor e Fergus Slattery eram os «vivaços», estratégias rápidas, omnipresentes e brilhantes apoiantes dos seus companheiros do meio do terreno.

Também recorro bem do magnífico trio do vitorioso quinze dos All Blacks que, em 1963 deixou duradoura impressão. Kel Tre-

main era um grande e operoso trabalhador do lado fechado e Brian Lochore, um poderoso N.º 8, consubstanciando em si uma mistura de Alun Pask, com a sua cobertura do terreno até à bandeirola de canto e do jogo mais fechado de Mervyn Davies, permitiam a D.J. Graham percorrer livremente o campo tal como se fosse um piteiro cão de caça.

Uma TEORIA — com a qual estou em desacordo — diz que um «asa» veloz e ligeiro não pode manter, relativamente às formações, essas funções no jogo moderno. Não vejo porquê. Nelie Smith, «coach» dos Springbocks, defende a ideia de que a selecção de tais jogadores não elimina a vulnerabilidade da equipa a um fulgurante ataque de um médio-de-abertura, o qual pode sempre explorar o flankador pesado, tanto à esquerda como à direita.

Para defrontar os Lions em 1980, a África do Sul escolheu Theuns Stoffberg como flankador poderoso, Mornie du Plessis, o capitão, a N.º 8, e Rob Louw, o «sprinter» como asa rápido. Stoffberg é um gigante — actua muitas vezes como segunda linha no Norte Transval — mas devido à tal teoria

(que a mim me parece um dogma) eles jogaram sempre à direita e à esquerda, respectivamente, nas formações.

Embora aceitando que tradicionalmente no Hemisfério Sul seja o N.º 8 quem cobre o médio-de-abertura, não me parece que ali se tenham produzido os azougados «pivots» franceses e britânicos, e daí que tenham sido sempre vulneráveis nesta área, quando em digressão.

É interessante notar que Bob Templeton, o actual «coach» dos Wallabies, apoia a minha tese. Cornelsen, um N.º 8 por instinto, foi o flankador poderoso nos jogos-teste; Loane foi o verdadeiro e melhor N.º 8; e Poidevin o rápido e veloz «asa». Templeton tinha outras opções para a constituição do trio, mas, estou certo, continua apontando neste conceito.

Por outro lado, quando uma equipa não é muito forte na segunda linha, a presença de um jogador poderoso e grande como flankador é de toda a importância nas jogadas estáticas e, especialmente, nos alinhamentos.

(Excerto do artigo publicado no «The Guardian», de 27 de Novembro de 1981.)



Graham Mourie, o «capitão» All Black, é um dos mais notáveis «flankers» do rugby mundial

Eu, árbitro

LUÍS FEIST

Antes de tudo devo confessar as dificuldades encontradas na escolha dos temas a desenvolver. Com efeito, sobre a arbitragem muito haveria (e haverá) a dizer.

Em guiza de intróito, a minha primeira sensação é de pesar, pela notória e cada vez mais assustadora falta de árbitros em Portugal. Infelizmente, o incremento rugbístico no nosso país, quer em qualidade quer em quantidade, não tem sido acompanhado pela arbitragem. Solução? — pois, um apelo dramático a todos os ex-(ou quase ex-) jogadores, para colaborarem activamente como árbitros. O segundo ponto — e não menos importante — é o aspecto disciplinar. Tem-se assistido durante esta época a casos extremamente graves de indisciplina contra os árbitros, que cumularam inclusivamente, por duas vezes, com agressões! (E o novo Regulamento de Disciplina, que nunca mais entra em vigor e que permitiria pura e simplesmente irradiar os energúmenos?)

Mas toda esta problemática tem, quanto a mim, raízes muito mais profundas do que à primeira vista se poderia pensar. Com efeito, ela insere-se no feitiço muito português de irreverência e contestação perante a autoridade representada, neste caso pelo árbitro do jogo.

Não poderão os jogadores mentalizar-se que o árbitro é a única entidade do jogo com poderes para julgar, decidir, punir, etc.? É evidente que não estamos a excluir o árbitro de responsabilidade: longe disso! Ao árbitro é-lhe exigido, e cada vez mais, uma personalidade firme.

uma sólida preparação física e um profundo conhecimento das Leis do Jogo. E desde logo, e à partida, se exclui a ideia do árbitro-polícia: o árbitro é um colaborante, um condutor no espectáculo, que deve constituir uma verdadeira partida de rugby.

Estou neste momento a lembrar-me de dois exemplos flagrantes do rigoroso acaustamento por parte dos jogadores, das decisões do árbitro.

O primeiro passou-se na época passada no jogo Inglaterra-França. A dada altura a bola é chutada à «touche» pelo defesa inglês. Rapidamente surge um jogador francês na linha lateral a fazer uma rápida reposição em jogo, com uma bola que não era a mesma que tinha saído (uma das condições para se poder efectuar tal jogada). Em consequência deste lance, a França marcou um ensaio que, no final, viria a tornar-se o da vitória no jogo e no torneio. Apenas me recorde de ter visto Bill Beaumont aproximar-se muito humildemente do árbitro, e depois de uma breve explicação deste, afastar-se para trás da linha de bola de meta. Sem comentários...

O segundo caso ocorreu bem recentemente e por coincidência no França-Inglaterra: o árbitro marca um pontapé de penalidade favorável à França numa posição francamente boa e numa altura do jogo em que a França necessitava desesperadamente dos três pontos. Quando o jogador se aprestava para tentar a conversão, o árbitro interrompeu o jogo a pedido

do juiz de linha, que mantinha a bandeirinha na horizontal para chamar a atenção de qualquer facto ocorrido. Perante a estupefacção geral, o árbitro anulou o pontapé e marcou um pontapé de penalidade contra a França. De novo, vimos Rives, tal como Beaumont, muito «a medo» questionar o árbitro e após uma rápida resposta, retirar-se para 10 metros.

Pergunto apenas: o que se teria passado em Portugal com estes dois casos, perante não os habituais 70 mil espectadores das Cinco Nações, mas com os numerosos assistentes (e técnicos) dos jogos de fim de semana no Estádio Universitário?

Finalmente, e como terceiro ponto a focar neste breve escrito (e porventura já aflorado ao longo dele) é o da pressão cada vez maior a que o árbitro está submetido durante o jogo. É um facto que com as alterações às Leis do Jogo, nomeadamente leis 18 (blocagem) e 19 (permanecer deitado com, sobre ou perto da bola) se passou a exigir ao árbitro uma atenção e forma física apreciáveis. Não tenhamos dúvidas — os casos só aparecerão se o árbitro não for o primeiro a chegar ao local do conflito, já que desde o momento em que o primeiro jogador cai até à formação de um «ruck» ou de um «pile-up» (o mais usual) vai um instante e, como podemos já verificar no actual Cinco Nações, os jogos decidem-se cada vez mais através de pontapés de penalidade, que o mesmo é dizer, através de decisões do árbitro.

Em Abril Vamos eleger de novo o «Quinze Ideal»

A exemplo do que fizemos há um ano, «Rugby-Revista» vai promover, em Abril, a eleição do «Quinze Ideal da I Divisão».

Os técnicos das oito equipas do escalão principal do nosso rugby serão, de novo, convidados a pronunciar-se sobre quem, em sua opinião, lugar por lugar, mais se destacou ao longo do campeonato. Depois, nós, a partir dessa votação, estabeleceremos o «Quinze Ideal», nele incluindo, obviamente, os jogadores mais votados em cada posição.

Para lá da eleição dos «mais» do «nacional», o número de Abril de «Rugby-Revista» incluirá,

naturalmente, reportagens dos jogos Portugal-Marrocos e Portugal-Espanha, do Campeonato da FIRA de seniores (Grupo B) e uma antevisão das partidas com a Tunísia, Holanda e Polónia, que se lhes seguirão.

Por outro lado, estaremos também presentes nos jogos que as selecções nacionais de juniores e juvenis disputarão proximamente em Inglaterra. O rescaldo da edição de 1982 do Torneio das Cinco Nações e as secções habituais completarão os assuntos que trataremos no número 15 de «Rugby-Revista».



Os avançados irlandeses têm desempenhado um papel preponderante. Na foto, Lenihan serve Mc Grath, protegido pelo «capitão» Fitzgerald, por Moss Keane e O'Driscoll

Irlanda: agora só falta o «Grand Slam»

A Irlanda é, desde a 4.ª jornada, virtual vencedora do Torneio das Cinco Nações de 1982, tendo também alcançado a «Triple Crown». Falta, apenas, saber-se se conseguirá vencer a França, em Paris, no último jogo, e obter o «Grand Slam».

Os irlandeses têm baseado a sua superioridade no «pack» avançado (superior aos adversários nos três jogos) e na capacidade de decisão e de acção do abertura Ollie Campbell. Outro factor preponderante tem sido a liderança do novo «capitão», Ciaran Fitzgerald, que se tem revelado forte motivador e encontrado forma de contrariar e dominar os adversários — com Bill Beaumont retirado, os «Lions» podem ter encontrado um novo «comandante».

A avançada irlandesa, com quatro veteranos (Orr, Moss Keane, Duggan e Slatery) e com uma média de idades superior a 30 anos, foi até agora a mais decidida, agressiva e determinada. Sólida nas «me-lées», bem organizada na «touche», rápida e decidida no jogo aberto (o «regresso» do velho «fighting spirit») e apoiando excelentemente, tem sido a avançada do ano.

O formação Mac Grath é um jogador que pouco se vê, quase se limita ao papel de transmissor, função que tem desempenhado com eficiência, e disso beneficia o abertura Campbell, a «estrela» da equipa. Depois de um certo empalidecimento na última época, onde a sua segurança foi preterida em favor do explosivo e imprevisto Tony Ward, reapareceu este ano em grande forma. Não só como chutador, mas principalmente como jogador que tem sabido adoptar, em cada momento, a acção apropriada. As suas perfurações têm sido devastadoras, proporcionando quase todos os ensaios da sua equipa, e os seus pontapés têm posto normalmente os adversários em dificuldade.

Quanto às linhas atrasadas, excepção para o defesa McNeil, podem considerar-se vulgares, se bem que determinadas e excelentes na defesa. Mas estão longe dos pontos altos da equipa: avançados e abertura.

A França, por seu turno, tem sido a grande desilusão. Passar do «Grand Slam» para três derrotas no ano seguinte não é vulgar. As suas linhas atrasadas (a chamada «opção basca») de que se diziam maravilhas, só em dois ou três momentos mostraram a sua capacidade. Os avançados têm patenteado, por seu turno, insuficiências clamorosas.

Depois do «desastre» de Cardiff, foi alterado o «pack» para o jogo contra a Inglaterra. Sem qualquer resultado, porém. Com a Escócia voltaram a «mexer» no

sector, mas todas as deficiências se mantiveram.

Os franceses já não poderão evitar o último lugar e se continuarem a assim, dificilmente evitarão que a Irlanda alcance em Paris o «Grand Slam», que procura desde 1949.

A Inglaterra começou infeliz, cedendo um empate contra a Escócia, nos últimos minutos de jogo. Depois veio a lesão de Beaumont, que afectou a equipa no jogo contra a Irlanda, partida em que foi claramente batida. O jogo seguinte, em Paris, e a vitória alcançada, redimiu a equipa que, a seguir, frente a Gales, rubricou a sua melhor exibição, com Steve Smith muito seguro como «capitão» e como jogador. A Inglaterra será uma formação a ter em conta em 1983.

Gales teve um início de prova desastroso. «Esmagado» no Landsdowne Road, como é raro acontecer a uma equipa galesa, recompôs-se frente à França, graças aos seus avançados, e voltou a ser batida, sem margem para dúvidas, em Twickenham. Esta equipa está longe da «de ouro», dos anos 70, sendo capaz do melhor e do pior. As linhas atrasadas são o seu maior problema.

Finalmente, a Escócia, embora melhorando em relação a 81, não mostrou capacidade para vencer o torneio. O empate com os ingleses foi feliz e a derrota com a Irlanda reflectiu as suas insuficiências. A vitória sobre a França foi mais fruto da incapacidade francesa do que de uma acção convincente.

É o Torneio de 1982 está a chegar ao fim. A última jornada é dominada pelo França-Irlanda, jogo em que os «diabos verdes» tentarão dar uma enorme alegria às duas Irlandas. Para já, a sua vitória vem premiar a perseverança dos rugbistas irlandeses, o país dos cinco do torneio que dispõe de menor número de jogadores, mas onde o rugby é encarado na plenitude do seu verdadeiro espírito.

Resultados

3.ª JORNADA

França, 15 - Inglaterra, 27
Irlanda, 21 - Escócia, 12

4.ª JORNADA

Inglaterra, 17 - Gales, 7
Escócia, 16 - França, 7

Classificação

	J	V	E	D	M-S	P
Irlanda	3	3	—	—	57-39	6
Inglaterra	4	2	1	1	68-47	5
Escócia	3	1	1	1	37-37	3
Gales	3	1	—	2	41-49	2
França	3	—	—	3	34-65	0

O que falta (20/3)

Gales - Escócia
França - Irlanda

Irlanda, 21 - Escócia, 12

Campbell de novo

Ollie Campbell (marcador dos 21 pontos da sua equipa) e os avançados com actuações excelentes, não deram qualquer hipótese à Escócia (21-12) no jogo disputado no Lansdowne Road, de Dublin. E se os escoceses lutaram para não saírem derrotados da Irlanda!

Os irlandeses basearam o seu jogo numa constante pressão do «pack» e nos pés de Campbell. Os avançados deram logo o tom na primeira «melée»: levaram os escoceses à sua frente por mais de dez metros. Não foi, porém, aqui que a superioridade irlandesa se manifestou — a Escócia conseguiu recompor-se e equilibrar as coisas a nível de formação. Nas «touches» e reagrupamentos, porém, o domínio da Irlanda foi constante.

Cá atrás, Campbell bem servido por McGrath — com uma actuação em grande — utilizou quase sempre o pé, bombardeando Irvine com constantes «up-and-under». E sabe-se como o defesa escocês se sente pouco avontada nessas situações. Na segunda parte, então, com vento forte pela frente, Irvine fartou-se de

largar bolas, lutando com muitas dificuldades.

O único ensaio do jogo foi marcado pela Escócia, mas os pés de Campbell «estavam lá» para resolver (bem) a questão a favor da Irlanda.

No final foi a festa pela conquista da «Triple Crown», feito ansiosamente aguardado por milhares de pessoas desde 1949.

AS EQUIPAS

No Landstowne Road, de Dublin, sob direcção do árbitro galês C. Norling, as equipas alinharam e marcaram:

IRLANDA — Orr, Fitzgerald (cap.) e McLoughlin; Keane e Liniham; O'Driscoll, Duggan e Slattery; McGrath e Campbell (3.3.3.3.3.3.3); Crossan, Dean, Kiernan e Finn; McNeill.

ESCÓCIA — Aitken, Deans e Milne; Cuthbertson e Tomes; E. Paxton, I. Paxton e Calder; Laidlaw e Rutherford (4); Baird, Johnston, Renwick (3.3) e Robertson; Irvine (cap.) (2).



Campbell: um «herói» na Irlanda

França, 15 - Inglaterra, 27

Mas que «avançada»...

A Inglaterra conseguiu uma excelente vitória (27-15) no Parque dos Príncipes, frente à França, graças à notável certeza de Dusty Hare nos pontapés aos postes e à actuação do seu «pack» avançado na «melée», onde foi sempre superior a uma «incrível» avançada francesa.

O regresso de Joinel deu aos «tricolores» a possibilidade de igualar as oportunidades de conquista de bola na «touche», mas a colocação de Rodriguez e Carpentier (habituais terceiras linhas), na segunda linha tirou-lhes hipóteses de terem uma «melée» estável. Os ingleses, que cedo se aperceberam disso — eles e toda a gente! — passaram a reter a bola na formação, empurrando. E se o «pack» francês andou para trás! Mesmo assim, a França conseguiu exercer maior pressão territorial, sendo no entanto incapaz de concretizar — falhas de mãos nos três quartos, chutadores de serviço desinspirados e falta de acção coordenadora da avançada, que jogou muito aberta e de forma pouco colectiva. Os ingleses, por seu turno, não perdoaram qualquer das hipóteses que tiveram — aquele ensaio que partiu de um

pontapé de 22 metros só foi possível por distracção dos franceses e do oportunismo de Siemen. Dusty Hare, por seu lado, em dia de inspiração, não desperdiçou pontapés, garantindo um excelente resultado para a sua equipa. Acresce, ainda, que a defesa da Inglaterra resultou em pleno, merecendo destaque as actuações soberbas dos «flankers» Winterbottom e Jeavons, sempre presentes.

AS EQUIPAS

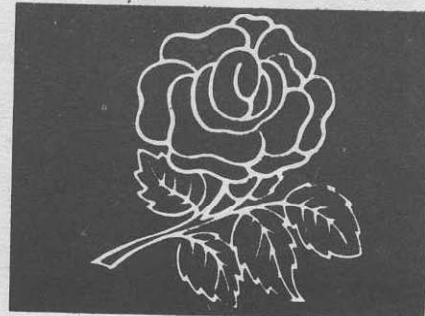
Sob arbitragem do irlandês Michael Rea, no Parque dos Príncipes, as equipas alinharam e marcaram:

FRANÇA — Wolff, Dintrans e Dubroca; Carpentier e Rodriguez; Rives (cap.), Joinel e Buchet; Martinez e Lescarboursa (3); Pardo (4), Belascain, Perrier e Blanco; Sallefranque (2.3.3).

INGLATERRA — Smart, Wheeler e Blakeway; Bainbridge e Colclough; Jeavons, Scott e Winterbottom; Smith (cap.) e Cusworth; Siemen, Dodge, Woodward (4) e Carleton (4); Hare (2.2.3.3.3.3.3).



Steve Smith o novo «capitão» inglês





A terceira linha da Irlanda, a «jogar em grande», não tem dado hipóteses. Sempre no sítio certo, com velocidade, tem morto à nascença as iniciativas adversárias. Na foto, é Duggan, o N.º 8, que descontrola Tony Bond

Inglatera, 17 - Gales, 7

O melhor rugby visto este ano

Após um jogo excelente, com uma primeira parte em que se presenciaram os melhores momentos de rugby de todos os jogos do torneio, a Inglaterra obteve a sua maior vitória sobre o País de Gales (17-7) desde 1921.

Novamente, o «pack» inglês e a capacidade defensiva dos dois centros desempenharam papel determinante. Na avançada toda a terceira linha sobressaiu: Scott dominou no fim de «touche» e alinhamentos reduzidos; e os outros dois elementos do sector, especialmente Winterbottom, estiveram em todo o lado. Steve Smith e Cusworth, por seu turno, exerceram grande controlo sobre o jogo, o primeiro utilizando muitas vezes o lado fechado e as saídas junto aos avançados, e o segundo alternando o jogo à mão com pontapés apropriados e bem colocados.

Os galeses, entretanto, apesar do «pack» ter conseguido muitas bolas jogáveis, não tiveram talento para bater a defesa contrária. Os ataques pelas linhas atrasadas foram sempre (excepto uma vez) parados pela primeira ou segunda cortina defensiva inglesa, e Gareth Davies não esteve tão feliz como habitualmente nos pontapés tácticos.

Os ingleses começaram do melhor modo e aos 30 minutos já ganhavam por 11-0. No início da segunda parte Terry Holmes lesionou-se num ombro e foi substituído. Este facto constituiu mais uma machada na esperanças galesas de uma reviravolta — Holmes tem sido o marcador de ensaios «de serviço» nos últimos tempos.

AS EQUIPAS

Nos Estádio de Twickenham, sob arbitragem do francês F. Palmade, as equipas alinharam e marcaram:

INGLATERRA — Smart, Wheeler e Blakey; Bainbridge e Colclough; Jeavons, Scott e Winterbottom; Smith (cap.) e

Cusworth; Slemen (4), Dodge, Woodward e Carleton (4); Hare (3.3.3).

GALES — Stephens, Phillips e Price; Sutton e Moriartry; Burgess, Squire e Lewis (4); Holmes (Gerald Williams) e Davies (cap.); Rees, Donovan, Gravell e Ackerman; G. Evans (3).

Escócia 16 - França 7

Vitória escassa

A Escócia sem ter feito um grande jogo foi justa vencedora (16-7) do confronto com a França, que, uma vez mais teve no «pack» avançado o ponto fraco.

Quando se é batido nesse sector, como os franceses o têm sido, não se podem ganhar jogos ao mais alto nível. Os escoceses, mesmo quando em desvantagem no marcador, mostraram-se sempre muito mais perigosos, dando sempre a sensação que a vitória lhe não escaparia.

Os avançados da Escócia foram sempre mais agressivos, coesos e determinados. Empurraram os adversários nas «melées», equilibraram as coisas nas «touches» e foram largamente superiores no jogo aberto. As deficiências «tricolores» voltaram a manifestar-se claramente: pouca solidez nas formações, fraco apoio ao saltador, especialmente na função a que os ingleses chamam «cleaning the ball» e, este o seu ponto mais fraco, pouco colectivismo nas situações de «ruck» e «maul».

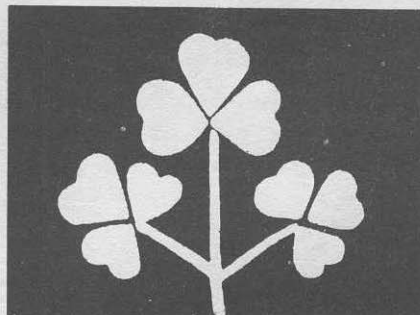
Com umas linhas atrasadas abaixo do que já mostraram poder fazer, com falhas na recepção, e com um chutador em dia «não» os franceses podem dar-se por satisfeitos com a escassa diferença pontual registada no final.

AS EQUIPAS

Sob a arbitragem do inglês A. Trigg, as equipas alinharam e marcaram, no estádio de Murrayfield:

ESCÓCIA — Milne, Deans e Aitken; Cuthbertson e Tomes; White, Paxton e Calder; Laidlaw e Rutherford (4); Baird, Johnson, Renwick (3) e Robertson; Irvine (cap.) (3.3.3).

FRANÇA — Cremaschi, Dintrans e Dubroca; Revalier e Rodriguez; Rives (cap.) (4), Carpentier e Joinel; Martinez e Lescaboura; Pardo, Belascain, Perrier e Blanco; Sallefranque (3).



de pequenino • de pequenino • de



Após alguns números de «afastamento», esta secção regressa às páginas de «R-R». Em cima, fase espectacular do Cascais-Belas, em Infantis; ao lado as equipas de Iniciados de Económicas e da Escola Emidio Navarro; em baixo, imagem do jogo Colégio Militar-S. Miguel, em Iniciados



RUGBY
REVISTA

assine

RUGBY
REVISTA

Desejo assinar RUGBY — REVISTA por 10 números, a partir do n.º inclusivé, pelo que envio a quantia de 450\$00 em cheque/Vale Postal n.º

NOME

MORADA



Se não quiser estragar a sua revista envie-nos uma fotocópia ou, então, reproduza os elementos constantes no cupão.

**receba
em casa**

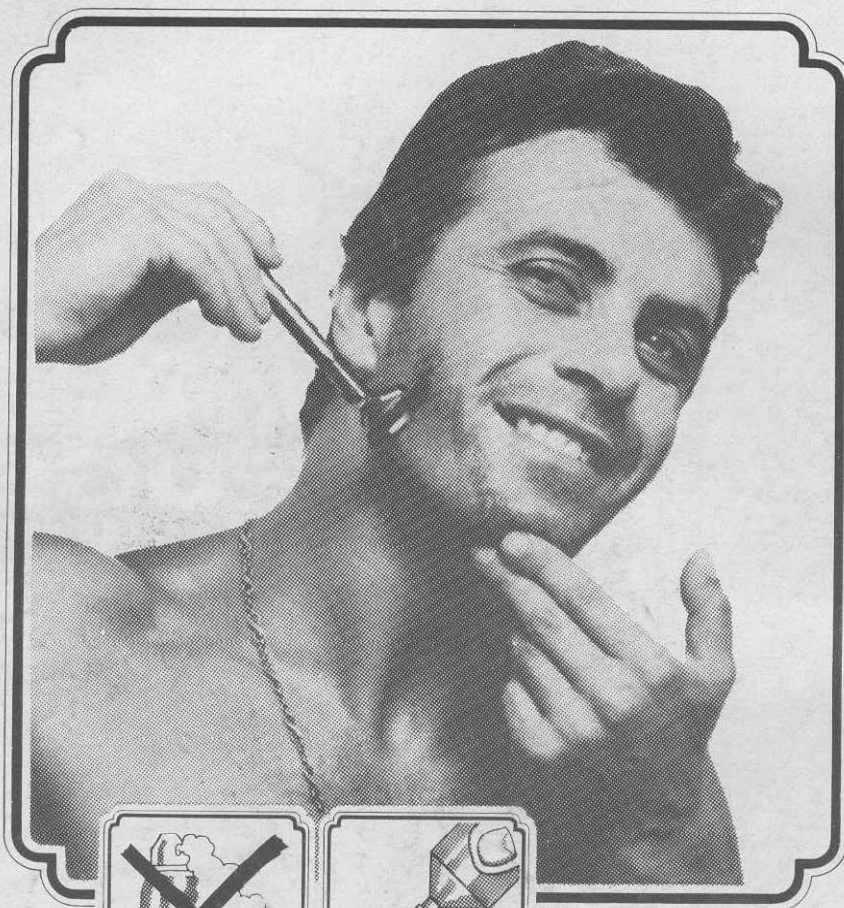
RUGBY
REVISTA

**sem mais
incómodos**

assine

RUGBY
REVISTA

uma revolução na arte de bem barbear!



Logan

não é um creme.
Não é uma espuma.
Não é um sabão.

Logan é um conceito inteiramente novo, que já revolucionou no mundo a arte de bem barbear. Basta colocar uma gota de **Logan** na lâmina de barbear, para obter uma barba perfeita, rápida e eficazmente. A nova gota de barbear **Logan**, com uma fórmula mágica, é surpreendente e vai barbear muita gente...

RÁPIDO, PRÁTICO, EFICAZ.

Logan

uma gota, uma barba

